

Medéia
As Bacantes * As Troianas

Eurípides

Medéia
As Bacantes * As Troianas

Tradução de:
David Jardim Júnior

Introdução de:
Assis Brasil



ISBN 85-00-51863-4

EDIOURO S.A.
(Sucessora da Editora Tecnoprint S.A.)
Sede: DEP. DE VENDAS E EXPEDIÇÃO
RUA NOVA JERUSALÉM, 345 — RIO DE JANEIRO — RJ
CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL 1880
CEP 20001-970 — RIO DE JANEIRO — RJ
TEL.: (021) 260-6122

Introdução

Medéia As Bacantes * As Troianas

Os gregos, cultores dos esportes e das artes, elegiam o teatro em primeiro lugar, por saberem que tal gênero de representação poderia dar a dimensão analítica e psicológica da tragicomédia humana. E, nesse sentido, foram mestres, irradiando a obra de seus autores para todo o mundo.

No gênero da dramaturgia primitiva, a predileção dos gregos ia para as tragédias, mas não totalmente violentas e cheias de sangue, como muitos podem pensar. As tragédias, como lei e como norma, traziam sempre um traço de comédia e muitas cenas leves. Quase sempre no final há um quadro cômico, para arrefecer um pouco os quadros de barulho e fúria anteriores.

O teatro ateniense, na Acrópole, era um imenso edifício sem cobertura — uma espécie de Maracanãzinho — e sem o palco tradicional que conhecemos. A representação era feita num picadeiro parecido com o de um circo, uma arena, onde os atores podiam ser vistos de todos os lados. E eram vistos, quase sempre, por uma platéia de mais de vinte mil pessoas. Os espetáculos, no teatro de Atenas, duravam dois dias no inverno e dois dias na primavera.

Eurípedes foi considerado o primeiro dramaturgo grego a se interessar pelos problemas femininos, tratando os personagens com individualidade e análise psicológica. Foge do enredo pelo enredo, dos outros escritores seus contemporâneos. O fato: era um feminista dois mil anos antes de surgir o termo. Nascido em Salamina, em 480 e morto na Macedônia,

em 406 Antes de Cristo, sobre seu desaparecimento foi criada uma lenda, que tem algo a ver com sua posição feminista: para alguns estudiosos teria sido morto por cães raivosos, mas outros afirmam que foi assassinado por um grupo de mulheres da velha estirpe tradicional. "Ele tentou auxiliá-las e elas lhe pagaram com maldição. Ofereceu-lhes alimento e elas morderam a mão que as alimentou."

Os pais eram de origem modesta, mas Eurípedes recebeu instrução e educação aprimorada. Como todo grego de sua época, quando jovem se dedicou aos esportes, sobressaindo-se entre muitos atletas. A sua estréia no teatro aconteceu no ano 455 a. C., com a peça *As Filhas de Pélias*.

Eurípedes escreveu cerca de noventa peças de teatro, sendo que apenas dezoito chegaram até nossos dias, e constantemente representadas, não só por grupos profissionais, mas por equipes de amadores, que muito têm a aprender com sua técnica e sua concepção de dramaturgia clássica. Além disso, estudou filosofia e ciências, o que claramente mostra através de suas obras.

Outro destaque para Eurípedes, em relação aos seus contemporâneos: não se limita a reescrever as famosas histórias mitológicas de seu povo. Vai mais além, ou seja, cria personagens reais, do dia-a-dia grego, como a sofrida Medéia. E quando incursiona por personagens lendários do passado, passando pelas lendas de Tebas e de Argos, e pelas aventuras de Hércules, sempre o faz de um ponto de vista novo, original.

Assim, como feminista e dando novos valores às mulheres, são elas que se destacam nas obras de Eurípedes. Mulheres de personalidade forte, trágica e heróica, como *Alceste*, *Hécuba*, *Macária*, *Medéia*. Mesmo ao tratar das mulheres como representantes de um povo, como no caso de *As Troianas*, é em *Hécuba*, individualmente, que o autor centraliza as melhores qualidades femininas.

Já no caso de *As Bacantes*, e ainda em relação às observações anteriores, Eurípedes mostra o trabalho sacerdotal de algumas mulheres especiais, que têm o poder de decidir entre a vida e a morte, não fossem elas consagradas aos mistérios dos deuses gregos — na peça, é o culto a Dionísio o que o

autor mostra em belíssimos diálogos e fortes coros de ritmo marcante.

A peça *Medéia*, no entanto, se tornou muito popular, sendo reescrita, a partir de sua temática trágica, por vários escritores contemporâneos. Na obra, acompanhamos o destino medonho de *Medéia*, mulher de *Jasão*, o descobridor do famoso *Velocino de Ouro*, que se une à mulher para enganá-la e abandoná-la com seus filhos.

Pretendendo se casar com uma princesa, *Jasão* humilha *Medéia* de todas as formas. Ela, então, resolve se vingar — e será uma vingança atroz e selvagem. Primeiro, envia à noiva um belo vestido de casamento, totalmente embebido em forte veneno. Não satisfeita, mata os próprios filhos, pois o pai, *Jasão*, era muito apegado a eles.

A cena do assassinato das crianças é das mais violentas e belas do ponto de vista literário. "É absolutamente necessário que eles morram — diz *Medéia* — Já que assim é, eu os matarei, eu que os pari. Vamos, meu coração, torna-te duro como o aço, arma-te. Por que terei eu de fazer isso? Não fazer uma coisa horrível, mas inevitável, seria pusilanimidade. Vamos, segura a espada, minha infausta mão! Toma-a e leva ao extremo o horrendo curso de tua vida e não representes o papel dos fracos pensando nos filhos e quão queridos são e como os criaste! Esquece teus filhos pois o dia é curto e depois lamenta, derrama lágrimas mais tarde".

Medéia se prepara psicologicamente e depois vem o barulho e a fúria do assassinato das crianças, visto através da lamentação do coro, cujas mulheres, como *carpideiras*, se agitam e gritam. "Desgraçada mulher — diz o coro — és então como o rochedo ou o ferro, matas no plano arquitetado por tuas próprias mãos os filhos que tu mesma geraste!"

Nos tempos modernos, como já dissemos, o tema trágico de *Medéia* já foi aproveitado, por exemplo, pelo romancista norte-americano, *William Faulkner*, com a obra — misto de romance e peça de teatro — *Requiem For a Nun*, traduzido e encenado no Brasil com o título de *Oração Para Uma Negra*. O nosso compositor, *Chic Buarque de Holanda*, se valeu também do tema de *Medéia* para criar a peça musicada, junto com *Paulo Pontes*, *Gota d'Água*. A antiga e atual his-

tória de Medéia é transposta para uma favela carioca.

Na verdade, o ponto de partida para a peça de Chico e Ponte foi um quadro, levado à televisão, de autoria de Oduvaldo Vianna Filho, que reescreveu muitas peças clássicas e modernas para a TV. Sobre a Medéia dos brasileiros, foi então feito um paralelo: assim como a Medéia grega é uma história de reis e feiticeiros, Gota d'Água é uma história de pobres e macumbeiros. Uma realidade bem nossa, mas que é também "a realidade de todos os pequenos deste mundo, aqueles que sofrem na carne as contradições e as injustiças de uma sociedade sorridente, mas implacável com os seus humilhados e ofendidos".

Além desses autores — destacando a dimensão trágica do destino vingativo de Medéia — outros desenvolveram as suas versões a partir do drama de Eurípedes, como Sêneca, Corneille e Anouil, representantes de três momentos da evolução da dramaturgia no mundo. A peça de Sêneca rastreia de perto a peça de Eurípedes, não tivessem os romanos bebido em toda a cultura grega.

As Bacantes e As Troianas complementam esta trilogia trágica de mulheres excepcionais, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista social e mitológico, ou religioso. As Bacantes mostram mesmo a origem da tragédia grega, que veio de uma poesia lírica celebrada nos festejos dedicados a Baco, o deus do vinho. Só muito mais tarde assumiria a forma teatral com Eurípedes, Ésquilo e Sófocles.

As Bacantes foi a última peça escrita por Eurípedes, quando se encontrava exilado na Macedônia, onde viria a morrer. Assim, a obra só foi representada, em Atenas, depois de sua morte. As Sacerdotizas estão em primeiro plano na peça, as adoradoras de Baco — esta tragédia é sobre a morte de Penteu, rei de Tebas, por não ter aceito o culto de Dionísio. Assim, é dilacerado pelas Bacantes. Elas eram terríveis, fortes como touros e poderiam dilacerar qualquer coisa.

O choque para o espectador, é que uma das Bacantes é a própria mãe de Penteu e é ela que começa o sacrifício. Ele ainda diz, angustiado: "Sou seu filho, mãe, Penteu, que geraste em casa de Equion. Tem piedade de mim, minha mãe; por causa de meus pecados, não mates teu filho". A mãe, no

entanto, está possuída por Baco, olhos arregalados, boca espumante. "Foi tudo um tumulto selvagem". A mãe começa por arrancar o braço esquerdo do filho, separando a mão. As outras Bacantes, então, entram em cena para completar o dilaceramento do corpo de Penteu. "Todas, com as mãos ensanguentadas, brincavam de jogar bola com a carne de Penteu". Tudo muito trágico, muito grego.

As Troianas foi apresentada no ano 415 a. C. Os gregos ainda estão acampados em torno de Tróia, que resistiu a dez anos de sítio, mas agora está em chamas e foi invadida, por causa do ardil de Ulisses, o cavalo de madeira. Os heróis gregos estão cansados e querem voltar à pátria, mas ainda falta arrebataram um despojo importante: as mulheres da cidade, as troianas.

Hécuba espera pelo seu destino. "Isto não é mais Tróia, nem somos a família real de Tróia. A fortuna varia: sê brava. Navega com a corrente, navega com o vento do destino. Não enfrentes com o navio da vida os vagalhões do infortúnio. Ah! Eu choro. Perdi minha pátria, meus filhos, meu marido."

As troianas são escolhidas por vários heróis gregos para serem escravas ou concubinas. Toda a peça gira em torno dessa escolha, tendo a curiosidade de Hécuba como ponto central. O Rei Agamenon fica com Cassandra; Polixena foi destinada a servir no túmulo de Aquiles; Andrômaca fica com o filho de Aquiles; e Hécuba afinal sabe que irá para Ítaca como escrava de Odisseus (Ulisses). "Ai de mim — lamenta Hécuba — um canalha abominável, traiçoeiro, tornou-se meu senhor, um inimigo da justiça, um bruto sem escrúpulos".

O teatro dos gregos é um dos poucos que podem ser lidos e apreciados em sua beleza literária e trágica — a sua fruição na arena da Acrópole seria um detalhe a mais, no conjunto das peças, onde os atores e a veemência dos diálogos e coros complementariam esse hino de louvor estarecido e admiração reticente da condição humana.

Medéia, As Bacantes, As Troianas, três momentos altos da literatura clássica grega, três peças para o gosto de qualquer leitor inteligente, que sabe que pode ver na arte o mais legítimo documento humano, seja ele de inspiração mitológica ou realista.

Medéia



Medéia

De um vaso grego do Louvre

Personagens da Tragédia

A Ama: *Uma velha dama de origem bárbara, atendente de Medéia.*

O Pedagogo: *Preceptor grego dos filhos de Medéia.*

Medéia: *Uma bela feiticeira bárbara.*

Coro: *Composto de quinze damas coríntias.*

Creon: *Governante de Corinto.*

Jasão: *Herói da expedição dos Argonautas em busca do Velocino de Ouro, amante de Medéia.*

Egeu: *Desajeitado peregrino ao santuário de Apolo e Príncipe em Atenas.*

Mensageiro.

Dois Filhos de Medéia.

Cena: *Diante da casa de Medéia, em Corinto.*

Época: *Uma ou duas gerações antes do Sítio de Tróia.*

Ato I

A cena representa a casa de Medéia em Corinto. É uma suntuosa mansão um tanto ao fundo. Em sua frente, há um jardim, sobreado por lindas folhagens. Um caminho leva da porta da frente até o portão. É de manhã.

A porta de entrada da casa é aberta devagar pela Ama, que é uma mulher idosa, de origem não grega, com um aspecto vulgar. Usa um vestido comprido, que lhe chega aos pés. Caminha vagarosamente até o portão e se debruça sobre ele, olhando para a direita e para a esquerda, como se esperasse alguém.

AMA (fala com um sotaque que mostra que ela não é de Corinto e não conhece muito bem o idioma da região): Oh! Não tivesse o casco do navio Argos flutuado sobre o mar azul até a terra da Cólchida e nem tivesse tombado o pinheiro cortado nos vales do Pélion, nem tivesse sido equipado com remos nas mãos dos homens mais valorosos que juntos foram em procura do velocino de ouro para Pélias!

Assim a minha senhora, Medéia, ferida no coração pelo amor por Jasão, não teria viajado rumo às torres da terra de Jolco e não estaria habitando, com seu marido e seus filhos, esta terra de Corinto, depois de persuadir as filhas de Pélias a matarem seu pai. (Pélias — que não deve ser confundido com outro herói chamado Peleu — foi cortado em pedaços e cozinhado por suas filhas, instigadas por Medéia, que lhes disse que, desse modo, fariam com que seu idoso pai rejuvenescesse). Por um lado, ela agradou aos cidadãos para cuja terra veio, e, por outro lado, estava de acordo com Jasão a respeito de tudo. Essa é a maior de todas as proteções: não estar a esposa em desavença com o marido.

Agora, tudo é inimizade, e ela está sofrendo, exatamente por causa das coisas que lhe são mais queridas.

Eis que Jasão, traindo os próprios filhos e minha ama, contraiu núpcias reais, tendo desposado a filha de Creon, que governa esta terra. Medéia, a infeliz, a desprezada, clama a respeito dos votos feitos para consigo e invoca a fide-

dade sagrada que lhes é devida e suplica aos deuses que testemunhem a recompensa que está recebendo de Jasão.

Jaz prostrada, sem se alimentar, entregando o corpo ao sofrimento, coberta de lágrimas desde o momento em que soube que fora traída pelo marido. Não abre os olhos, nem levanta o rosto do chão. Quando advertida, olha para os amigos como se fosse uma pedra ou uma onda do mar. Mal se move com o alvo pescoço e lamenta consigo mesma, em um suspiro, seu querido pai e sua terra natal e seu lar, que traiu para vir para aqui com o homem que agora a despreza.

A infortunada aprendeu com a desgraça o que é não se deixar o solo da pátria. Ela passou a detestar os filhos e não se compraz em vê-los.

Estou temerosa de que ela não esteja meditando algum novo mal. Sua disposição é selvagem e não suportará ser maltratada. Eu a conheço. Tenho medo dela! Que não atravesse o fígado com uma afiada espada, depois de ter silenciosamente atravessado a casa até a sua cama, ou mesmo que não mate a princesa e o príncipe que a desposou (*Jasão*) e provoque uma desgraça ainda maior.

Ela é uma mulher terrível! (*A Ama, além de seus gestos grotescos e do sotaque, tornou-se ainda mais ridícula por sua expressão fisionômica*). Quem quer lutar contra ela não alcançará a vitória facilmente. (*Depois de olhar para a rua, lança uma exclamação*). Mas aí vêm os meninos, depois de terem brincado com os seus arcos, sem desconfiarem do sofrimento de sua mãe. Os espíritos jovens não gostam de sofrer.

Aparece o Pedagogo, com os dois filhos de Medéia. O Pedagogo é um preceptor, que exerce uma função de confiança na casa, embora possa ser escravo, e é responsável pela educação e pelo bem-estar das crianças.

Esse Pedagogo é um homem mais ou menos velho, circunspecto, usando uma túnica simples. As crianças que estão com ele são dois meninos muito vivos, que usam vestes curtas.

PEDAGOGO. Antiga possessão (*isto é, velha escrava*) da casa de minha senhora, por que estás de pé na porta, em vigília na solidão? Estás lamentando os teus próprios males? O que aconteceu para que Medéia queira ser abandonada por

ti e ficar só? (*Deixados à vontade, os meninos brincam junto à porta de entrada*).

AMA. Idoso companheiro dos filhos de Jasão, as questões dos senhores, quando tomam um rumo mau, constituem igualmente um infortúnio para os bons servidores e lhes tocam o coração. Cheguei a esse ponto em que o sofrimento me obrigou a vir até aqui, a fim de confiar ao céu e à terra o infortúnio de minha senhora.

PEDAGOGO: A infortunada ainda não cessou de chorar?

AMA: Eu te invejo (por tua feliz ignorância)! O infortúnio está no começo e de modo algum já chegou à metade.

PEDAGOGO: Tola! É lícito falar dessa maneira a respeito de tua senhora? Eis que ela não sabe ainda as últimas desgraças.

AMA: O que é, ancião? Não reccies falar.

PEDAGOGO: Não é nada. Lamento o que já disse.

AMA: Não escondas coisa alguma de uma colega de escravidão. Peço-te pelo teu queixo!... (*Encosta a mão na barba do velho, como um ato de súplica*). Se for preciso, guardarei silêncio acerca de tais coisas.

PEDAGOGO: Ouvi alguém dizer — sem parecer escutar — quando fui ao lugar onde se jogam os dados, e onde se sentam os velhos junto da água sagrada de Peirene (*uma fonte de Corinto formada pelas lágrimas derramadas pela ninfa do mesmo nome*), que o governante desta terra, Creon, vai expulsar desta cidade de Corinto estas crianças, com sua mãe. (*Aponta para os meninos*). Não sei se isso é verdade. Espero que não seja.

AMA: E Jasão permitirá que seus filhos sofram tal coisa, ainda que tenha uma divergência com sua mãe?

PEDAGOGO: Ora! Os velhos laços são deixados pelos novos. Aquela pessoa (*refere-se a Creon*) não é amigo deste lar.

AMA: Então, estamos perdidos, se acrescentarmos uma nova calamidade à antiga, antes de a termos esgotado!

PEDAGOGO: De qualquer maneira, porém, fica quieta e não abras a boca, até que chegue a ocasião de nossa senhora saber disso.

AMA: Oh, crianças, ouviram o que vosso pai se tornou

para vós? (*Dirige-se aos meninos, que continuam brincando*). No entanto, que ele jamais pareça, pois é meu senhor. De qualquer maneira, foi apanhado no ato de estar fazendo mal aos amigos.

PEDAGOGO: Quem dos mortais não é? Ainda não aprendeste até agora que todo homem ama a si mesmo mais do que ao próximo, alguns por bons motivos e outros pela cobiça, e que o pai destas crianças não as ama por causa de seu novo casamento?

AMA (*Dirigindo-se aos meninos*): Crianças, ide para dentro de casa. É melhor. (*Ao Pedagogo*). Quanto a ti procura mantê-las afastadas o mais possível e não as leves para perto de sua agitada mãe. Eu a vi agora mesmo em tal estado, que dava a impressão de que estava querendo fazer alguma coisa com esses pobrezinhos. Sei muito bem que ela não apaziguará a sua ira, enquanto não tiver feito algo de grave contra alguém. Espero que faça alguma coisa a seus inimigos, e não aos amigos. (*Ouvem-se lamentos vindos de dentro da casa e a Ama e o Pedagogo estremecem ao ouvirem a voz de Médéia*).

MEDÉIA (*dentro de casa*): Oh! Infeliz mulher, miserável criatura que sou! Oh! Oh! Como posso perecer!

AMA: É ela, queridas crianças! Vossa mãe tem a cabeça agitada e manifesta a sua ira. Entrai depressa e não vos aproximéis para que ela vos veja, e tratai de evitar as manifestações do seu gênio furioso e de sua mentalidade arrogante. Ide, agora! Entrai tão depressa quanto puderdes. É evidente que os seus gritos são o começo de uma nuvem que em breve se inflamará com o calor de sua ira. (*Aqui, como sempre na linguagem da Ama, temos as suas imagens bárbaras transformadas em palavras poéticas, mas introduzíveis*). O que irá jamais fazer aquela alma de grandes paixões, difícil de ser aplacada quando ferida pelo infortúnio? (*O Pedagogo apressa-se a entrar na casa com as crianças*).

MEDÉIA (*dentro*): Oh! Sofri, infortunada que sou, sofri coisas que exigem dolorosos lamentos. Oh, amaldiçoados filhos de uma mãe odienta, que pereçais, juntamente com o vosso pai, e que toda a casa se arruine!

AMA: Ai de mim! Infeliz que sou! Mas por que essas crianças compartilham, aos teus olhos, a culpa de seu pai?

Por que as odeias? Ah, crianças! O que sofro ao pensar que podereis sofrer algum mal! Os caprichos dos poderosos são terríveis, e sendo governados por poucas coisas e governando muitas, dificilmente eles dominam a sua ira. É melhor estar-se acostumado a viver em um plano de igualdade. Oxalá fosse o meu destino o de envelhecer entre aqueles que não são poderosos ou grandes. Moderação — eis a mais bela coisa que se pode mencionar à maior bênção para os homens. A grandeza e as coisas que são superiores a outras em poder, não são convenientes ou oportunas para a humanidade. Na verdade, levam as maiores catástrofes às famílias, quando uma divindade se enraivece contra elas. (*Também aqui as palavras da Ama são demasiadamente idiomáticas para serem adequadamente traduzidas*).

Enquanto a Ama se entrega ao seu solilóquio, algumas mulheres de Corinto, atraídas pelo crescente barulho dentro de casa, e com curiosidade de saberem o que vai acontecer, ajuntam-se junto do portão. Essas coríntias são cerca de quinze e conhecidas tecnicamente por "Coro". Usam vestes ondulantes muito coloridas de acordo com o estilo coríntio. Não se deve presumir que as componentes do Coro falem todas ao mesmo tempo.

CORO: Ouço a voz, ouço os gritos da desventurada filha da Cólchida. Ela ainda não se acalmou. Mas fala, velha! (*Ajuntam-se em torno da Ama*). Ouvi gemidos e lamentos dentro da casa de duas portas (*Alusão à arquitetura da mansão, que tinha um pátio do qual se abria uma porta para um vestíbulo interior e a outra porta para a rua*). Não me regozijo, mulher, com as lamentações deste lar, porque ele se tornou para mim uma coisa amada.

AMA: Este já não é um lar. Essa espécie de coisa aqui já terminou. O homem nos foi arrebatado por seu casamento real e a senhora está em seu leito amaldiçoando a vida, com o espírito não influenciado e não consolado por qualquer palavra de conforto dos amigos.

MEDÉIA (*de dentro*): Ah! Oxalá a chama celeste me atravessasse a cabeça! (*Espera ser atingida pelo raio*). O que me vale ainda estar viva? Ai! Ai! Oxalá me liberte, pela morte, de uma vida odiosa, abandonando-a. (*Observe-se a manei-*

ra altamente idiomática de dizer que seria libertada pela morte de uma vida odiosa).

(O Coro e a Ama trocam olhares consternados).

CORO: Ouvistes, Jove, Terra e Luz que cântico de desespero entoa a desventurada jovem? *(Observe-se a referência à idéia grega de que a conversa é realmente um cântico, pois os antigos gregos às vezes imprimiam melodia e ritmo às suas conversas).* Oh! ser insensato! O amor te arrebatou ao horrível leito da morte! Não tardará o fato consumado da morte. Reza para que não venha. *(O Coro eleva as vozes cada vez mais, de maneira que Medéia possa ouvir de dentro da casa).* Se teu esposo santifica um novo matrimônio não te voltes contra ele por isso. Jove será para ti, nesse caso, o campeão. Não te desgastes pranteando teu marido.

(Estas observações pelo coro não podem ser consideradas como "odes", seja o que for que os pedantes possam nos dizer. Uma mulher diz uma coisa. A frase seguinte é falada por outra mulher. Assim se dá. O grupo de mulheres, uma a uma, faz sugestões ou diz palavras de animação. A incapacidade de se compreender esse aspecto do coro torna ininteligíveis algumas tragédias gregas).

MEDÉIA *(de dentro)*: Ó grande Jove e venerável Têmis! Vede o que sofro, embora prenda a mim por poderosos juramentos meu pérfido marido! Oxalá possa eu ver o dia em que ele e sua nova esposa sejam despedaçados com o seu próprio palácio, eles os primeiros que ousaram me fazer injustiça! Oh! meu pai e minha pátria, de onde fugi vergonhosamente, depois de ter matado meu irmão!

AMA: Ouvistes o que ela diz e como invoca em altos gritos, Têmis, deusa das promessas solenes, e Jove, a quem compete administrar os juramentos dos mortais? Não há meios graças aos quais a minha senhora possa ser apaziguada em sua ira o mínimo que seja...

CORO: E se ela pudesse vir à nossa presença a fim de receber a manifestação das palavras pronunciadas em voz alta de modo que pudesse dominar a tremenda paixão e acalmar a agitação de seus pensamentos? Eis que jamais meu próprio bem possa faltar aos meus amigos! Vai, pois! Traze-a para

fora da casa e dize-lhe que aqui estão as suas amigas. Apressate, antes que ela faça algum mal aos que estão lá dentro. Eis que a sua dor corre impetuosamente.

AMA: Assim farei. No entanto, receio que não consiga persuadir a minha senhora. Enfrentarei esse desprazer para vos agradar. Ela volta para os seus servos o olhar furioso de uma leoa que acaba de por no mundo os seus filhotes, quando alguém se aproxima dela e pronuncia uma palavra. Não errais se disserdes que os homens dos velhos tempos foram ineptos e de modo algum bem aconselhados, quando inventaram os cânticos como uma coisa deliciosa para se ouvir no decorrer da vida, tanto nas festas e festivais, como depois dos grandes banquetes. Ninguém ainda encontrou um meio de apaziguar graças à música e às variadas cordas da lira os odiosos sofrimentos dos mortais em virtude dos quais homicídios e males terríveis dominam os nossos lares. E no entanto, há algumas vantagens em consolar os homens como o canto. Quando as festas já estão repletas de alegria, por que em vão entoar uma voz lamentosa, já que a satisfação trazida pelo repasto tem só por si mesma um encanto para os mortais? *(A ignorância da vida grega por parte da mulher bárbara é salientada e ela torna ainda mais ridícula sua ignorância da música com seu sotaque e sua gesticulação, enquanto caminha entrando na casa. O contraste entre a ignorância dos bárbaros e a cultura dos gregos é personificada nessa Ama).*

CORO: Ouvi o queixoso som de sua dor. Ela profere agudos e dolorosos gritos contra seu covarde marido, traidor do tálamo. Ela invoca, depois de receber essa afronta, a filha de Jove, Têmis, guardiã dos juramentos, que a conduziu além dos estreitos para a Hélade, através das vagas, retrocedendo para a salgada Barreira do mar inacessível. *(A questão é que Medéia, vinda da Cólchida para a Hélade — a Grécia — passou através do Mar de Mármara e do Helesponto).*

Ato II

Ainda estamos diante da casa de Medéia, em Corinto, e o intervalo entre o ato anterior e este é tão curto, que as mulheres formando o Coro ainda estão esperando Medéia.

Medéia, depois de mais alguns gritos, sai de repente da porta da frente da casa, acompanhada por algumas mulheres suas atendentes. Medéia é uma mulher extremamente bela, de grande distinção nos trajés, mostrando-se de uma beleza madura. É bastante morena e parece muito geniosa. Nada tem na cabeça, além da massa dos cabelos negros. Traja um vestido de seda carnezim bordado, que cai em dobras até os pés, mas preso na cintura por uma faixa.

Durante um momento, guardando silêncio mortal, Medéia corre os olhos pela cena, depois caminha para o portão.

MEDÉIA: Damas coríntias, vim de minha casa de não terdes motivo de queixa contra mim. Muitos seres humanos, eu sei — sejam aqueles que vi com os meus próprios olhos ou sejam os que vivem em terras estrangeiras — têm-se mantido afastados em orgulhosa atitude de reserva, e esses adquiriram, em razão de seus pés inativos (*por não se moverem*) um mau nome e a reputação de serem indiferentes (*ao seu bom nome*). Eis que a justiça não pode ser encontrada a respeito dos mortais. Antes de ser bem conhecido o caráter de um homem, ele é odiado à primeira vista, sem haver razão de queixa contra ele. Ora, o forasteiro deve se ajustar o melhor que possa à mentalidade da cidade onde mora. Nem vejo com bons olhos o nativo que, sendo demasiadamente orgulhoso, se torna impopular entre seus conterrâneos.

No que me diz respeito, um infortúnio se abateu sobre mim e dilacerou meu coração. Tudo acabou para mim. Perco todo prazer de viver e quero morrer, minhas caras amigas. Eis que aquele que era tudo para mim, como vejo muito bem agora, tornou-se para mim o pior dos homens, ele, meu marido!

De todas as criaturas que jamais têm vivido e pensado, nós mulheres somos as mais desgraçadas.

Antes de mais nada, temos, custe o que custar, de arranjar um marido e escolher para nós mesmas um senhor, sen-

do esse último mal ainda pior que o outro. Ora, há um imenso risco que se corre nisso, de se escolher um bom ou um mau, pois as separações não são honrosas para as mulheres e não é possível repudiar um marido. Quando alteramos a nossa existência e as nossas leis, precisamos ter a arte dos mágicos para tirarmos toda a vantagem possível do fato de termos um marido, embora não estejamos devidamente preparadas para isso. Se os nossos esforços são coroados de sucesso, se o marido que escolhemos compartilha de boa fé o jugo do casamento ao nosso lado, o nosso destino é digno de inveja. Se for o contrário, é preferível morrer.

Quando um homem se cansa da vida doméstica, procura consolo para o seu aborrecimento na sociedade de um amigo ou camarada. Nós, mulheres, não temos mais que uma alma, um companheiro para procurar. Dizem que nós mulheres passamos uma vida sem perigos no lar enquanto os homens lutam de lança em punho. Argumenta mal quem assim raciocina. Quanto a mim, preferiria estar três vezes no campo de batalha com um escudo na mão do que dar luz a uma criança uma vez.

No entanto, o mesmo raciocínio não pode ser aplicado igualmente a mim e a vós. Vós tendes uma terra natal e nela um lar paterno, os confortos da vida e a sociedade de vossas amigas. Eu estou solitária, sem uma pátria, ultrajada pelo marido que me trouxe como presa para uma terra estrangeira, sem ter mãe nem irmão, nem parente junto ao qual possa me proteger contra a desgraça que caiu sobre mim.

Isso é tudo que quero. Se eu encontrar algum meio, algum plano para compelir meu marido a expiar o mal que me fez e punir ao mesmo tempo aquele que deu sua filha a meu marido, e também aquela filha, que se casou com ele, guardai o segredo para mim. Eis que a mulher é tímida, pouco disposta para o combate ou mal equipada para a luta é incapaz de suportar a vista das armas — no entanto, se for ultrajada em seu tálamo não há mente tão sanguinária como a sua.

(A fala de Medéia apresenta dificuldades para o tradutor, em parte porque o texto apresenta lacunas em alguns pontos, mas principalmente devido à personalidade que lhe é atribuída na tragédia. Medéia era uma das famosas pratican-

tes da magia da Antiguidade, que se apaixonou por Jasão e praticou para ele toda a sorte de maravilhas, com a condição de que ele a desposasse e a levasse para a Grécia. Jasão conseguiu o Velocino de Ouro com a ajuda de Medéia. Sendo ela uma bárbara e ele grego, seu casamento não seria válido aos olhos dos patrícios de Jasão).

Quando terminou sua longa fala dirigida às mulheres, no portão, Medéia se desfez em lágrimas.

CORO (*compadecido*): Farei como desejas. É lícito para ti punires esse teu marido, Medéia. Não me surpreendo que chores por teus males. (*As mulheres do portão tomam consciência da chegada de mais alguém em cena*). Mas vejo Creon, rei deste país, aproximando-se como o portador de notícias frescas, o nuncio de novas decisões.

Creon entra com passos firmes, cercado por sua guarda. É um homem de porte majestoso, alto e imponente, mas não arrogante. Usa uma túnica branca, tendo por cima um manto de púrpura. Traz um elmo empenhachado e uma espada. Tem cerca de cinqüenta anos. Esse Creon, soberano de Corinto, não deve ser confundido com o não menos célebre Creon que era rei de Tebas no tempo de Édipo e de Antígona e seus infortunados irmãos.

CREON: Mulher de semblante sombrio, tu, que estás irada contra teu marido, Medéia, decidi que deves deixar esta terra, que deves ser exilada com teus dois filhos, e isso sem demora. Serei eu mesmo o executante dessa ordem, e não voltarei a meu palácio enquanto não te houver expulsado deste país.

MEDÉIA: Ah! Estou perdida, infortunada que sou, estou morrendo! Eis que aqui meus inimigos deram a si mesmos toda a corda de que precisam e não há meio de sair de uma desgraça toda preparada para mim. (*Palavras de interpretação difícil, baseadas na antiga prática náutica*). Perguntarei, não obstante, Creon, embora sofra muito por tua causa, por que estás me expulsando desta terra?

CREON: Temo-te, e não me convém também ser envolvido em palavras, para que não prepares algum mal irremediável contra minha filha. Muitas razões se juntam a esse temor que sinto. És, por natureza, astuciosa e sabedora de muitos encantamentos, e estás sofrendo por causa da perda do

teu tálamo, sendo privada, como estás, de teu marido. Ouvi também dizer que estás ameaçando fazer algo contra aquele que está desposando minha filha e contra a noiva também. Antes que eu tenha realmente de aturar tais coisas irei me por em guarda contra elas. É melhor para mim ser odiado por ti agora, mulher, do que ter de sofrer muito, mais tarde, porque fui iludido por palavras.

MEDÉIA: Ah! Ah! Não hoje pela primeira vez, mas muitas vezes já, Creon, a minha fama arruinou-me e causou-me os piores males. Jamais deveria, aquele que nasceu um homem sensato, instruir seus filhos até o ponto da sabedoria excessiva, pois além da censura de indolência que recai sobre eles incorrerão na inveja e na má vontade de seus concidadãos. Levando ao ignorante qualquer nova sabedoria a pessoa mostra-se inútil e de modo algum sensata. Além disso, parecerá superior àqueles que já tem alguma fama por sua argúcia e tornar-se-á desagradável à cidade. Ora, incorri nesse infortúnio. Por ser sábia, tornei-me para alguns objeto de inveja, para alguns indiferente e para outros ainda de disposição diversa sou uma fonte de escândalos. No entanto, não sou excessivamente sábia. Tu, agora, tens medo de mim, receiando sofreres algum mal. Não me temas, Creon! Não está em meu poder prejudicar os homens que governam. E a que respeito me fizeste mal? Casaste tua filha com aquele para o qual o teu coração se inclinava. Mas odeio meu marido. Fizeste algo que, para mim, parece prudente. E não invejo teu bem-estar. Case! Seja feliz! Deixa-me, porém, morar nesta terra. Na verdade, embora eu tenha sofrido uma injustiça, mantereí silêncio, vencida, como estou, por aqueles mais poderosos do que eu mesma.

CREON: Dizes o que é agradável ouvir, mas há em mim o temor de que meditas algo de mau em teu coração. Tenho menos confiança em ti que jamais. É mais fácil se por em guarda contra uma mulher que é veloz em sua fúria — como se pode dizer a mesma coisa de um homem — e é mais fácil enfrentar tal pessoa do que aquela que é sutil e calada. Agora, sai o mais depressa possível. Não me digas palavras inúteis. As coisas estão decididas. Não tens arte bastante sutil para aqui permaneceres conosco, uma vez que me és desagradável.

MEDÉIA (*Cai aos pés de Creon*): Não... Imploro-te a teus pés em nome da jovem que acaba de se casar!

CREON (*Desvencilhando-se*): Perdes as tuas palavras. Jamais me persuadirás.

MEDÉIA (*levantando-se*): Então me banirás e não ouvirás as minhas súplicas?

CREON: Não te amo mais do que amo meu próprio lar e minha família.

MEDÉIA: Ó pátria! Como me lembro de ti nesta hora!

CREON: Com exceção de meus filhos, a minha pátria é a coisa mais querida para mim.

MEDÉIA: Ah! Ah! Que mal são os seus amores aos homens!

CREON: Penso que isso depende das circunstâncias.

MEDÉIA: Jove, oxalá aquele que é a causa da minha desgraça não te escape!

CREON: Vai, mulher louca, e livra-me desses tormentos!

MEDÉIA: Sou eu que sofro os tormentos... tormentos de que não fui a causa.

CREON: Dentro em pouco serás expulsa à força pelos meus homens.

MEDÉIA: Não faças isso, suplico-te, Creon!

CREON (*Medéia lançou-se de novo a seus pés*): Mulher, vais me dar trabalho, parece.

MEDÉIA (*Levantando-se*): Vou sair. Não estou te suplicando para isso.

CREON: Então por que te mostrar tão insistente e por que não saís do país?

MEDÉIA: Deixa-me ficar apenas hoje e imaginar um meio para que eu possa melhor partir e cuidar de meus filhos, já que seu pai não se preocupa em providenciar coisa alguma para eles. Mas tem piedade deles. Tu também és pai e é natural que sejas benevolente. Certamente, as providências não são minhas a respeito do exílio, não me importa saber se vou partir ou não, mas choro por eles: são as vítimas desse infortúnio.

CREON: Meu temperamento não é tirânico, e por essa razão já perdi muito, tendo sido piedoso por causa de muitas coisas. E agora, mulher, embora aos meus próprios olhos parecer que estou agindo insensatamente, obterás esse favor.

Mas eu te advirto: se a luz do Sol de amanhã vir-te e a teus filhos dentro dos limites desta cidade, morrerás. Estas palavras são a expressão da verdade. Por enquanto fica (se puderes ficar) somente por hoje. Não poderás fazer o que eu temo na forma do mal em tuas mãos.

Creon parte com a sua escolta.

CORO: Desgraçada mulher, ah! ah! Infeliz és por causa de teus males! Aonde irás? Para que lar ou para que terra que se mostre hospitaleira irás para livrar-te de tuas calamidades? Que deus te manterá flutuando, Medéia, sobre as vagas desses infortúnios dos quais não há desembarque? (*Aqui, outra vez, temos uma metáfora náutica difícil de ser traduzida em boa prosa, porque a arte da navegação dos antigos era inteiramente diferente de tudo como que nós, modernos, estamos acostumados*).

MEDÉIA: Tudo está indo mal. Quem negaria? No entanto, as coisas não vão ficar assim; não acrediteis. Ainda há dificuldades pela frente para o recém-casado e a recém-casada e males não menos perturbadores para os seus parentes. Acreditais que eu teria enganado aquele sujeito (*apontando para o caminho por onde saiu Creon*), se não tivesse descoberto uma vantagem nisso, se eu não tivesse os meus planos? Eu sequer lhe teria dirigido uma palavra, não o teria tocado com as minhas mãos suplicantes. Ele está tão mergulhado na tolice que, quando poderia ter destruído meus planos expulsando-me desta terra, deixou-me livre para permanecer por mais um dia, durante os quais matarei três de meus inimigos: o pai, a filha e meu marido. Tenho muitos meios de me livrar deles, minhas amigas, e não sei por qual caminho para a morte procederei para com eles, em primeiro lugar. Incendiarei a morada nupcial ou enviarei atravessando o fígado uma afiada ponta de espada, tendo penetrado na casa onde o leito está preparado? Só vejo uma objeção. Se eu for apanhada de surpresa quando estiver penetrando na casa e preparando os meus recursos, ao morrer torna-me-ei um objeto de ridículo para os meus inimigos. É melhor surpreendê-los por um caminho direto e por aquela sorte de coisa para a qual sou apta por nascimento e natureza... veneno! Assim será.

Assim eles morrem.

Mas que cidade me receberá? Que estranho ou estrangeiro, tendo me oferecido um asilo e me assegurado um lugar de residência, estará em posição de proteger e defender a minha pessoa?

Não há ninguém!

Permanecendo aqui por pouco tempo enquanto procuro descobrir que baluarte de defesa estará disponível para mim, executarei o assassinio por artil, em silêncio. E se um infortúnio que não pode ser evitado me empurrar para a frente, tendo empunhado uma espada — mesmo se tenha de morrer eu mesma — eu os matarei. Assim procedo pela violência à audácia. Eis que a senhora a quem honro acima de todas as divindades e que tomei para me ajudar, Hécate (*a misteriosa divindade que dava e retirava prosperidade ou infortúnio de acordo com a sua própria concepção do bem e do mal, mas que se distingue de Nêmesis*), mora nas partes secretas do meu coração. Com a sua ajuda, nenhum dos meus inimigos irá afligir meu coração e rir com impunidade. Tornarei aquele casamento maldito e nefasto para eles, e nefasta será a sua aliança e mais amarga, também, que o meu exílio desta terra. Ah, ai de mim! Medéia, não poupes recursos de tua arte e dos teus conhecimentos, planejando e executando. Vai em frente para o terrível! Chegou agora a prova da tua coragem. Não debes ser levada ao ridículo pelo casamento de Jasão com uma mulher da raça de Sísifo. (*Dizia-se que Sísifo construira a cidade de Corinto a qual governara, sendo um dos primeiros capitães da indústria e aparentemente fundador do sistema capitalista de produção. Era um conhecido impostor, e ele e sua família tinham má reputação. Creon e sua filha pertenciam a essa família*). Tu, Medéia, foste gerada por um nobre pai, és neta do Sol. És sutil. Nós, mulheres, nascemos impotentes para o bem, mas somos hábeis como artífices da iniquidade.

CORO: As fontes dos rios sagrados correm para cima e a justiça e todas as coisas mais refluem em seu curso. Há conselhos enganosos nos corações dos maridos e a fé prometida aos deuses já não é mais firme. A fama assim descreverá de minha vida (*isto é, o comportamento das mulheres*) que terei um bom nome. Possa a honra adornar a raça das mulheres. Que a má fama não mais seja espalhada a respeito da mulher.

Que as próprias Musas se refreem de seus antigos cantos em que minha falta de lealdade é tão celebrada. Febo Apolo, aquele que é o patrono da música e do canto, em verdade não implantou ou inspirou em meu gênio a divina música da lira (*isto é, as mulheres não são grandes artistas criadoras na música*) ou, de outro modo, eu teria entoado um cântico contra a raça dos homens. Os tempos imemoriais muito se expandiram contra nós, mulheres, assim como contra os homens. (*O Coro agora se dirige a Medéia*). Tu, Medéia, viajaste para longe da casa de teu pai com o coração em chamas, retendo atravessado os rochedos gêmeos do mar (*os Simplegades já mencionados pela Ama*). Vives agora em terra estrangeira, tendo perdido o teu tálamo e estando de agora em diante sem marido. Infortunada mulher! Ao exílio és agora lançada, desonrada. A santidade dos juramentos fugiu e a reverência já não mora mais na grande Grécia, mas fugiu voando para os céus no alto. Para ti, desventurada, já não há um lar paterno que te receba como refugiada destas maldições. Outra rainha, prevalecendo sobre o teu tálamo, te enfrenta em teu lar. *Este "discurso" não deve ser considerado como uma alocução integrada, falada simultaneamente por todas as mulheres que compõem o "Coro". Primeiro fala uma mulher, depois outra — uma mulher falando ou cantando uma frase, a mulher seguinte a frase seguinte, e assim por diante. E todas as mulheres do Coro não se vestiam da mesma maneira. O desconhecimento desses detalhes provoca presentemente muitas idéias errôneas a respeito do Coro nas peças teatrais gregas.*

Ato III

A cena ainda é em frente da casa de Medéia em Corinto. Não se passou muito tempo entre o ato anterior e este, talvez uma hora. As mulheres que formam o Coro estão agrupadas do lado de fora do portão. Medéia está no jardim.

Entra Jasão, acompanhado por uma escolta.

Jasão era celebrado no mundo antigo como o herói da expedição que foi em busca do Velocino de Ouro. O bando comandado por Jasão era chamado Os Argonautas, do nome do navio em que viajaram, o Argos. Navegaram até a Cólchida, o que, na época, constituía uma difícilíssima viagem marítima. Jasão só conseguiu ser bem-sucedido com a ajuda de Medéia.

Jasão aparece agora como um homem robusto, de idade mediana e excepcionalmente bonito. Usa uma túnica de cor sombria e um manto azul. Traz um chapéu de aba larga pendurado atrás da cabeça, de modo a deixar à mostra a massa de cabelos ondulados.

JASÃO: Não vejo agora pela primeira vez, mas tenho visto muitas vezes que mal irremediável é a ira violenta. Quando poderias ter aqui permanecido e ter tido um lar submetendo-se sem ressentimento à vontade do poderoso, tu te exilaste por tuas palavras loucas. Pouco me incomoda que digas e repitas que Jasão é o pior dos homens. Mas depois do que disseste contra os governantes do país, deves te sentir feliz por ser punida apenas com o exílio. Repetidamente procurei apaziguar a ira do rei contra ti, pois queria que ficasses aqui. Mas não cessaste em tua loucura de falar perpetuamente mal dos governantes daqui. Assim, estás sendo expulsa desta terra. Não obstante, a despeito de tua loucura, não cesso de tentar ajudar uma pessoa que me foi querida. Estou preocupado, mulher, com os teus interesses. Não quero que sejas exilada desamparada com teus filhos, e não quero que te falte coisa alguma. O exílio traz em seu séquito muitos males. Embora me odeies, não te desejo mal algum.

MEDÉIA: Ó mais vil dos vis, já que não tenho na ponta da língua outra condenação maior com que marcar a tua co-

vardia, tu vens a mim, tu que eu abomino! Tu que és odioso para os homens e os deuses, como és para mim! Não, não há coragem, não há ousadia em olhar na face os amigos que se ultrajou, mas há neste mundo a pior de todas as formas da mais descarada malvadez: a impudência nua! Desfaçatez! Quanto a isso, fizeste bem em vir aqui. Sentirei minha alma aliviada de um peso, quando te tiver dito o que sinto e sofreres a provação de me ouvir.

Mas comecemos pelo começo.

Eu te salvei, assim como todos os gregos que embarcaram contigo no navio Argos, quando fostes mandados colocar sob o jugo os touros que respiravam fogo e semear o campo fatal. *(O rei da Cólchida prometeu dar o velocino de ouro a Jasão somente se ele atrelasse a um arado dois bois de pés de bronze que soltavam fogo pela boca, e semeasse os dentes do dragão que não tinham sido usados por Cadmo em Tebas).* Matei o dragão insone que guardava o velocino de ouro cobrindo-o com as suas muitas dobras de seu corpo, e acendi reluzente os fogos de uma vitória que te salvou. Eu mesma deixei meu pai, meu lar, vim contigo para Iolco, no sopé do Pélion, mais ardente que discreta. Fiz Pélias morrer a mais dolorosa das mortes às mãos de suas próprias filhas e afastei de ti toda ocasião de temor ou ansiedade. E, tendo recebido de mim tais benefícios, tu, o pior dos homens, traíste-me, conquistastes uma nova esposa, tu, tendo filhos como tens! Ah! se não tivesses filhos poderias ser perdoado por esse novo casamento. Mas a santidade dos juramentos fugiu. O que tenho a pensar agora? Achas que os deuses já não reinam ou que os céus decretaram novas leis para os homens de hoje, já que compreendes que perjuraste contra mim!

Ah! Ó minha mão direita, que tomaste entre a tua tantas vezes! Ó joelhos, quanto em vão fostes tocados por um pérfido suplicante! Quantas vezes não fui arrastada por ilusórias esperanças! *(Medéia acompanha essas referências a seus braços e seus joelhos com gestos apropriados, mas se torna mais calma de súbito).*

Vem! Receberei os teus conselhos como se fosse em verdade um amigo. Agindo assim, que benefício não poderei esperar, em verdade, de um homem como tu? Isso não importa.

As minhas perguntas te farão parecer tanto mais odioso. Aonde irei agora? Voltarei para a terra natal de meu pai? Aquele seu lar e aquela sua terra que deixei quando vim para cá. Voltarei para junto das infelizes filhas de Pélias? Elas em verdade me receberão em seu lar, eu que matei seu pai! Eis que tal é a minha situação: os amigos de minha família me olham como odiosa. Aqueles que eu não tinha necessidade de prejudicar ou injuriar tornei meus inimigos para te servir. É verdade que, no que diz respeito à recompensa, muitas mulheres de toda a Grécia me consideram afortunada, feliz, de sorte. Tenho em ti um admirável marido, um extraordinário companheiro, infelizada que sou! Estou exilada da terra, sem amigos, sozinha com meus pobres filhos! Uma excelente recomendação, sem dúvida, para um novo marido: seus filhos vagando como mendigos e com eles eu que te salvei! Ó Jove, lançastes sobre os mortais infalíveis provas para se saber se o ouro é misturado. Por que não há na forma humana alguma marca certa que nos permita reconhecer o homem mau?

CORO: Terrível é a fúria e a dificuldade de apaziguar quando os amigos entram em desavença com os amigos.

JASÃO: Não devo ter nascido de modo algum inábil no discurso, parece. Como o piloto prudente de um navio, devo baixar as velas e navegar sob o vento, mulher, diante de tua tormenta da língua e tempestade de palavras. Do meu ponto de vista — já que estimas tão altamente os teus serviços — foi Vênus que me salvou naquela expedição, somente Vênus, entre os deuses e os homens. Tens uma mente engenhosa, mas tiveste o cuidado de não mencionar que o Amor, com as suas flechas inevitáveis, te forçou a me salvar. Mas não discutirei isso com excessivo requinte. Em verdade, tu me foste útil e não tenho queixa contra ti. No entanto, como recompensa de minha salvação recebeste mais do que deste como te explicarei. Em primeiro lugar, é agora na Grécia que vives em troca de um solo bárbaro. Aprendeste o que é a justiça, já não interpretas a lei de acordo com a força, o direito não é o poder. Todos os gregos reconhecem em ti uma pitonisa. Conquistaste a glória. Ora, se vivesse nos confins do mundo, ninguém sequer mencionaria o teu nome. Ah! Pouco me importaria se houvesse ouro em minha casa ou se eu cantasse mais

melodiosamente que Orfeu, se a minha boa fortuna tivesse de ficar desconhecida.

Falei tanto a respeito dos meus trabalhos e sofrimentos porque começaste esta competição de palavras. Quanto à censura que me fazes por minhas núpcias reais, mostrar-te-ei nestas palavras que fui antes de tudo prudente e da mesma maneira bom e que assim me tornei para ti e nossos filhos um poderoso amigo e sustentáculo. (*Medéia faz menção de interrompê-lo*). Fique quieta, agora! Tendo chegado aqui a esta terra de Iolco, arrastando atrás de mim tantos embaraços inevitáveis, o que poderia eu fazer melhor do que casar-me com a filha de um príncipe, eu, um exilado? Não é que, de acordo com ciúme que te punge, eu repudie o nosso matrimônio porque esteja ferido de amor por uma nova esposa nem porque deseje competir com outros homens no número de meus filhos. Os que tenho me são bastantes. Não me queixo quanto a isso. O que desejo é que possamos viver com bem-estar e dignidade sem temor da penúria. Os amigos, sei muito bem, fogem do homem pobre. O que procurei foi educar meus filhos de modo digno de sua família, dar irmãos aos filhos nascidos de ti, colocá-los todos no mesmo nível, fazer com que a sua origem fosse comum e assegurar a minha própria felicidade dessa maneira. Que necessidade tens tu, tu mesma, de filhos? Mas eu devo ter outros que serão úteis àqueles que já nasceram.

Estou raciocinando mal? Tu não te aventurarias a dizer assim tu mesma, se o meu novo casamento não te enfurecesse. Ó mulheres! Tal é a vossa insensatez e loucura que se o vosso tálamo estiver assegurado, pensais que tendes tudo. Se, por outro lado, algum mal suceder à vossa condição doméstica, considerais as melhores coisas e as maiores vantagens como odiosas. Oh! Os homens deveriam poder tornar-se pais sem vós e gerar filhos — então não haveria infortúnios para a humanidade! — não haveria mal algum entre os homens.

CORO: Jasão, embelezastes muito essas tuas palavras. No entanto, se posso aventurar-me a falar contra os teus planos, eu não penso que tenhas agido corretamente traindo tua esposa.

MEDÉIA: Sou certamente diferente de muitos mortais

a muitos respeitos. Na minha opinião, o homem injusto que é hábil ao falar merece o mais severo castigo. Ele confia em sua eloquência, espera dissimular as suas ações injustas, não teme fazer o mal. A despeito de tudo, ele não é também tão bem aconselhado. Assim não precisas parecer ser tão benevolente para comigo e tão eficiente no falar. Uma palavra te refutará. Deverias, se não fosses um velhaco, ter me persuadido antes de concluíres esse casamento, em vez de arranjá-lo em segredo, em silêncio perante os nossos amigos.

JASÃO (*ironicamente*): Terias te mostrado mais sensível às minhas palavras, penso eu, se eu te tivesse anunciado o meu casamento, a ti que nem mesmo agora podes por de lado a grande fúria que há em teu peito.

MEDÉIA: Não foi isso que te influenciou, mas o matrimônio bárbaro que faria com que chegasses à velhice sem distinção.

JASÃO: Compreende que não foi na mulher que pensei quando tratei de casar-me com a filha de um soberano, mas, como acabei de dizer-te, eu queria te proteger e dar a meus filhos irmãos de origem real como um baluarte em minha casa.

MEDÉIA: Oxalá uma vida de prosperidade que é também de sofrimento jamais seja a minha e jamais eu tenha uma riqueza que despedaça o meu coração!

JASÃO: Não sabes como mostrar-te mais sensata e mudar a tua atitude? Que as coisas úteis deixem de te ser penosas e não te mostres infortunado quando tens sorte.

MEDÉIA: Insulta-me, pois te será um refúgio qualquer lugar para onde eu fuja desta terra, em solidão.

JASÃO: Tu mesma escolheste assim. Não acuses mais ninguém.

MEDÉIA: O que fiz? Sou eu que estou me casando e te traíndo?

JASÃO: Rogaste ímpias pragas contra os governantes desta terra.

MEDÉIA: E aconteceu que eu era uma maldição para o teu lar.

JASÃO: Certamente não discutirei mais esse assunto contigo por mais tempo. Mas se aceitares uma pequena ajuda para as crianças ou para o exílio, de acordo com as minhas

posses, dize-me. Estou pronto a dar-te com liberalidade e a escrever cartas de recomendação aos estrangeiros, a fim de que te tratem bem. Se não aceitares isso, estarás agindo loucamente, mulher, mas, se dominares a tua ira, ganharás melhores coisas.

MEDÉIA: Não me valerei de teus amigos estrangeiros e nem aceitarei coisa alguma. Nada me dê. Os presentes de um homem mau não trazem boa sorte.

JASÃO: Se as coisas são assim, invoco os deuses como testemunhas de que eu queria ajudar-te em tudo, por tua causa e por causa de nossos filhos. Mas fazer boas coisas não te satisfaz e repeles os amigos com orgulho. Portanto sofrerás muito mais.

MEDÉIA: Vai! Estás dominado pelo desejo por uma mulher recém-casada estando afastado do seu lar e do teu. Desposa-a! Talvez — que isto seja dito com a aprovação de um deus — farás tal casamento que te sentirás feliz em repudiá-lo.

CORO: Quando o amor visita os homens com ardor excessivo não lhes traz glória nem virtude. Mas quando Vênus vem adequadamente, não há outra deusa tão graciosa. Oxalá não deixes voar, ó senhora, contra mim a inevitável seta de teu arco dourado carregada de desejo. Oxalá possa acalentar-me a castidade, o mais belo presente dos deuses! E jamais a temível Vênus, tendo ferido meu coração com um amor estranho envie-me ainda a guerra de palavras e os conflitos intermináveis, para que eu mantenha honrado o tálamo sereno das mulheres virtuosas. Ó pátria, ó lar, possa eu jamais ficar despatriada no exílio, atribulada pela angústia, o mais calamitoso dos sofrimentos! Possa eu ser vencida pela morte, sim, pela própria morte, se jamais eu chegar a tal dia! Eis que não há outra entre todas as calamidades comparável à de ser privada do solo pátrio. Nós próprias vimos, e não tenho de transmitir uma palavra ecoada por outros, pois nenhuma cidade e nenhum amigo teve piedade de ti, apesar de sofreres o pior dos males. Oxalá pereça o ingrato ao qual é possível não honrar os amigos abrindo a chave de um coração puro. Que jamais seja um amigo para mim, um amigo meu!

Enquanto o Coro diz estas palavras, Jasão, acompanhando

do por sua formidável escolta, deixa a cena. No fim desta fala do Coro, que deve ser presumida como apenas uma série de observações dirigidas pelas mulheres umas às outras e a Medéia, um novo personagem entra em cena. É Egeu ou Egeu, um herói legendário da Ática, venerado pelos antigos atenienses.

Egeu entra, espera. Usa um elmo, um rico manto de púrpura bordado e broquel e traz uma espada. Tem um aspecto de homem valente e ousado, mas algo de esquisito nos modos e nas vestes.

EGEU: Medéia, muito saudar. Regozija-te. Ninguém pode achar melhor introdução do que esta para falar a uma pessoa amiga.

MEDÉIA: Saúdo-te, filho do sábio Pandion (*um glorioso rei de Atenas*). Ó Egeu, de onde vens visitar o solo desta terra?

EGEU: Acabo de deixar o antigo oráculo de Febo Apolo.

MEDÉIA: E por que visitaste o centro oracular da terra? (*Ela realmente pergunta porque ele foi ao "umbigo" da terra, mas tal tradução não conseguiria transmitir a exata equivalência de todas as palavras, apresentando com precisão o tempo, modo e voz de cada verbo ou o equivalente de cada partícula, pronome ou advérbio. A pergunta de Medéia poderá ser melhor compreendida se se observar que no templo de Delfo havia uma pedra em forma de ovo em que os suplicantes se sentavam. Teoricamente essa pedra era o "umbigo" ou centro da terra conhecida*).

EGEU: Estou procurando saber como posso ter filhos.

MEDÉIA: Em nome dos deuses, o que tem sido a tua vida até agora sem filhos?

EGEU: Não tenho filhos graças ao capricho de algum deus.

MEDÉIA: Tens uma esposa ou não tens experiência de casamento?

EGEU: Não estou livre do vínculo conjugal.

MEDÉIA: O que te disse Febo Apolo a respeito de filhos?

EGEU: Palavras sutis, para serem entendidas conforme a sabedoria do homem.

MEDÉIA: Será sem dúvida permissível para mim saber o oráculo do deus?

EGEU: Perfeitamente, pois o oráculo exige uma mente sábia para a sua interpretação.

MEDÉIA: Então, o que disse ele? Dize-me, já que é permitido.

EGEU: Não devo soltar a base pendente do odre de vinho...

MEDÉIA: ...Antes de fazer o quê ou antes de chegares a que terra?

EGEU: Antes de ter regressado ao lar paterno.

MEDÉIA: E estás viajando para aquela terra a fim de veres o quê?

EGEU: Há um certo Piteu, rei de Trezen.

MEDÉIA: Filho do piedosíssimo Pelops, como dizem.

EGEU: Quero dar-lhe a conhecer o oráculo do deus.

MEDÉIA: O homem é sem dúvida sábio e versado em tais coisas.

EGEU: Sim, e o mais querido de todos os meus aliados (*o original diz "amigos da lança"*).

MEDÉIA: Espero que sejas feliz e alcances o que procuras (*Sucumbe e chora*).

EGEU: Por que essa expressão de sofrimento e por que o teu rosto está tão desfigurado pela dor?

MEDÉIA: Egeu, tenho como marido o pior dos homens.

EGEU: O que dizes? Conta-me francamente os teus infortúnios!

MEDÉIA: Jasão me ofende, embora jamais sofresse ofensas em minhas mãos.

EGEU: O que fez ele? Dize-me sem rebuscos.

MEDÉIA: Ele tomou além de mim uma mulher para se tornar a senhora de seu lar.

EGEU: Ele jamais ousaria cometer algo tão vil!

MEDÉIA: Informa-te bem, e sou desprezada por aquele por quem era amada antes.

EGEU: Ele se apaixonou ou odeia a sua ligação contigo?

MEDÉIA: Ele ama outra muito e não era fiel aos seus amigos.

EGEU: Que ele se vá, se for tão vil como dizes.

MEDÉIA: Em vez de seus amigos ele preferiu uma ligação real.

MEDÉIA: Quem lhe deu isso... essa noiva? Acabe o que tens a dizer.

MEDÉIA: Creon, que governa esta cidade de Corinto.

EGEU: Tens razão em tua dor, mulher.

MEDÉIA: Estou perdida e fui exilada desta terra, ainda por cima.

EGEU: Por quem? Esse é um novo infortúnio de que falas.

MEDÉIA: Creon está me expulsando como exilada de Corinto.

EGEU: E Jasão permite isso? Eu não teria consentido tal coisa.

MEDÉIA: Não, em palavras, mas suporta com paciência o que realmente deseja. (*Cai aos pés de Egeu*). Agora eu te imploro por este queixo (*erguendo as mãos em súplica*) e a teus joelhos (*abraça-os*), tem piedade, tem piedade de mim, infelizmente, e não me vejas exilada e sem amigos, mas me recebe em tua própria casa e em tua pátria. Assim poderá o teu desejo de ter filhos ser satisfeito com a ajuda dos deuses e poderás ser rico e feliz! Não imaginas que bênção ora encontraste em mim, pois chorei um fim a teu estado sem filhos e far-te-ei pai de filhos, pois conheço ervas que possibilitarão tal coisa.

EGEU: Estou disposto, mulher, por muitas razões, a conceder-te esse favor, em primeiro lugar por causa dos deuses, e em segundo lugar por causa dos filhos cujo nascimento me anuncias, eis que empreendi minhas viagens por esse mesmo motivo. Mas a questão assim se apresenta a mim: se fores para a minha pátria, eu te acolherei com hospitalidade, como é direito. Dir-te-ei antecipadamente, mulher, que não consentirei em levar-te desta terra senão se por tua própria vontade fores para a minha pátria; permanecerás inviolável e não te entregarei a quem quer que seja. Tu mesma, por tua própria vontade, deixarás esta terra, pois não quero ser acusado de qualquer culpa contra os que aqui me hospedam.

MEDÉIA: Será como dizes. Contudo, se um penhor de tais coisas me for dado, meu espírito ficará à vontade a teu respeito.

EGEU: Não tens confiança, ou o que é que te perturba?

MEDÉIA: Eu tenho confiança, mas a família de Pélias me é hostil e também Creon. Ficando preso por juramento como deves, tu não me abandonarás para aqueles que estão me expulsando desta terra. Mas se houver entre nós apenas palavras e se não tiveres te comprometido pelos deuses, serás meu amigo e poderás resistir às exigências dos arautos? Eis que o meu lado é fraco e poderosos e ricos os governantes desta terra.

EGEU: Tua linguagem, mulher, revela muita providência e se te parecer bom não me recusarei a fazer tal coisa. Será de todo mais seguro para mim, pois terei algo que mostrar aos teus inimigos à maneira de um pretexto e os teus negócios ficarão de todo melhor dispostos. Prescreve o juramento.

MEDÉIA: Jura pelo solo da Terra mãe e pelo Sol, pai de meu pai, e por toda a raça de divindades!

EGEU: Para fazer ou não fazer o quê? Dize.

MEDÉIA: Jamais me expulsares de tua terra nem se os meus inimigos forem me buscar, jamais consentires em me entregar a alguém, enquanto viveres.

EGEU: Juro pela Terra e pela sagrada majestade do Sol e todos os deuses que observaram o que ouvi me pedires.

MEDÉIA: É bastante? O que poderás sofrer se não observares o juramento?

EGEU: O que acontece aos blasfemos entre os homens.

MEDÉIA: Vai, regozijando! Quanto a mim, chegarei o mais depressa possível em tua cidade, tendo feito o que quero fazer e tendo sido bem sucedida no que pretendo.

Enquanto Egeu parte com muitas reverências, cercado por toda a sua escolta, as damas coríntias dizem:

CORO: Que o filho de Maia (*Mercúrio*) o soberano que escolta (*Mercúrio protegia os viajantes*) te leve de volta à terra natal e quanto às coisas pelas quais a tua mente está tão ansiosa, possas realizá-las, já que és considerado por mim um homem generoso, ó Egeu!

MEDÉIA (*depois de saudar Egeu, até perdê-lo de vista*): Ó Jove, ó Justiça, filha de Jove! Ó luz do Sol! Agora estou me tornando gloriosamente triunfante contra os meus inimigos, amigas (*dirige-se ao coro*) e entrei no caminho cer-

to. Agora tenho esperança de que os meus inimigos me paguem uma penalidade. Eis que esse homem apareceu como um porto de refúgio para os meus projetos, justamente onde eu mais me arriscava. Naquele refúgio fixarei as amarras do meu navio tão logo chegue ao porto e à cidade de Palas Atenéia. *(Esta é uma maneira poética de se referir a Atenas e a figura de retórica empregada por Medéia é do gênero náutico tão usado nas tragédias gregas)*. Mas vou vos dizer agora todos os meus planos. Recebi as minhas palavras como não tendo sido ditas por brincadeira. Enviando um de meus serviçais, pedirei a Jasão para vir aqui à minha presença. Dirigir-lhe-ei, quando ele chegar, palavras que são deleitáveis e dir-lhe-ei que aquelas coisas *(ditas por Creon)* me agradaram, e que tudo está bem e correto, inclusive o matrimônio real que ele está contraindo depois de me trair. Tudo isso, direi é bom e bem imaginado. Perguntarei simplesmente se meus dois filhos terão permissão de permanecer aqui, não que eu queira deixá-los aqui em uma terra hostil, expostos aos insultos de meus inimigos, mas a fim de efetuar a destruição daquela filha do rei por meio de minha astúcia. Colocarei nas mãos de meus filhos presentes que deverão levar àquela jovem, de modo que eles também não sejam exilados comigo, um belo véu (ou manto) e uma coroa de ouro engrinaldada. Se ela receber aqueles adornos e os usar perecerá miseravelmente, assim como todo aquele que a tocar. Ungirei os presentes de veneno. Agora, deixai-me mudar o assunto de minha conversa.

Lamento a ação que executarei em seguida. Matarei meus filhos. Ninguém os tirará de mim. Quando eu tiver esmagado toda a casa de Jasão, deixarei esta terra, fugindo depois do assassinio de meus queridos filhos, uma vez que me atreverei a executar o mais ímpio dos feitos. Eis que não suportarei, minhas amigas, tornar-me objeto de ridículo para os meus inimigos.

O que se ganha amando? Não há um país que me seja deixado nem um lar para refugiar-me de meus inimigos. Pequei quando deixei o lar paterno, persuadido pelas palavras de um grego que pagará a penalidade pelo seu pecado contra mim, com a ajuda dos deuses. Jamais ele contemplará vivos depois de hoje os filhos nascidos de mim e nem há de gerar um

filho com a mulher com quem há pouco se casou. Está determinado que ela perecerá miseravelmente com os meus venenos. Ninguém me verá fraca e desprezível nem mesmo resignada, mas, muito ao contrário, terrível para com os meus inimigos e boa para os meus amigos. A vida de tais personagens é a mais gloriosa.

CORO: Como me confiaste essas palavras e como desejo ajudar-te a obedecer às leis dos homens também, eu te proibo que faças tais coisas.

MEDÉIA: Não posso fazer de outro modo. Eu vos perdôo pelo que dissestes, pois não sofrestes o que sofri.

CORO: Mas ousarás, mulher, matar teus dois filhos?

MEDÉIA: Assim meu marido será castigado.

CORO: Mas tu te tornarás a mais infortunada das mulheres.

MEDÉIA: Que assim seja. Todas essas palavras intermediárias são supérfluas. *(Uma frase altamente idiomática, sugerindo qualquer coisa situada entre a resolução e a sua execução)*. Mas vem! *(Medéia volta-se para suas antecedentes, na escada imediatamente diante da casa e a Ama aparece de súbito)*. Vai chamar Jasão. *(A Ama parte)*. Eis que posso usar-te em todas as coisas secretas. *(Olha para a Ama, que saiu do palco, e eleva a voz para dizer as últimas palavras de sua recomendação)*. Nada digas de todas as coisas que planejei se estás bem disposta para sua senhora e se nasceste, mulher.

As manifestações seguintes do chamado "Coro" devem ser lidas como uma feliz ilustração da negligenciada verdade de que o "coro" na tragédia grega não é uma ode singular, integrada, mas uma série de observações, tendo o efeito, se não a forma real, do diálogo. Esse detalhe explica a chamada "irrelevância" dos coros da tragédia grega, existindo "irrelevância" na falta de imaginação do Dr. Dryasdust.

CORO: Os descendentes de Erecteu *(herói da antiga Ática e um dos fundadores da grandeza de Atenas, razão pela qual os atenienses se consideravam filhos de Erecteu)* são afortunados, sendo filhos dos deuses abençoados e naturais daquela santa região nunca invadida. Foram educados na mais gloriosa sabedoria. Sempre avançam levemente através do ar brilhante, onde, dizem, a dourada Harmonia certa vez deu

nascimento às nove Musas, castas virgens das fontes piérias e onde glorificam Vênus quando tocam as águas correntes do formoso Cefiso (*divindade do regato próximo de Atenas: Erecteu desposou uma ninfa da família do rei do rio*). A própria Vênus faz soprar sobre aquela terra um fresco e odorante zé-firo. Sempre ela lança sobre os seus cabelos soltos a perfumada guirlanda de flores vermelhas e envia os amores como companheiros da sabedoria e artífices de todas as virtudes.

Neste ponto, Medéia, parecendo pensar em alguma coisa, retira-se abruptamente para dentro de casa, acompanhada pelas poucas serviçais, deixa a porta da frente, enquanto o "Coro" continua, ignorando a sua saída ostensivamente, como se para parecer não tomar conhecimento de que Medéia entrara à procura dos venenos, da veste envenenada e de outros instrumentos para o assassinato premeditado. Tendo Medéia entrado, as componentes do Coro tornam-se mais francas.

Como, então, a cidade dos rios sagrados ou a terra que acolhe os amigos receber-te, assassina de teus filhos, tu, já não mais pura aos olhos dos outros? Pensa no assassinato de teus próprios filhos! Pensa no horror que estás praticando! Não mates essas crianças! Nós te imploramos por todas as coisas, a teus pés, apertando os teus joelhos. (*Uma ou duas das mulheres se ajoelham. Tenha-se o cuidado de notar que as mulheres do "coro" não executam todas juntas os mesmos movimentos, do mesmo modo que não dizem juntas os mesmos versos*). De onde trarás a ousadia ou a mente ou a mão que te levará diretamente ao coração de teus filhos para tão abominável ação? Como, tendo posto os olhos em teus filhos, persistirás na impiedosa intenção de sua matança? Não poderás fazer isso! Não, quando teus filhos se ajoelharem como suplicantes diante de ti, pois não mancharás a tua mão assassina em uma ação inexorável.

Ato IV

Há sinais de atividade dentro da casa de Medéia, pois o intervalo entre o ato anterior e este é de cerca de uma hora. As mulheres do Coro se encontram agora agrupadas em silêncio dentro dos limites tradicionais da chamada orquestra, que não era outra coisa senão um lugar para a dança, isto é, um grande espaço vazio. Os leitores das tragédias gregas não devem permitir que o interesse humano do assunto seja obliterado pelo tecnicismo de Aristóteles, tal como é apresentado por intermédio do Dr. Dryasdust.

Entra Jasão. Agora está vestido com um manto escuro e traz o chapéu na cabeça. Sua escolta está reduzida a três homens desarmados. Ele olha em torno, como se tencionasse entrar na casa, mas muda de idéia e fala como se quisesse que a sua voz fosse ouvida mais alto que o Coro.

JASÃO: Tendo sido chamado, venho. (*Há uma resposta vinda de dentro e ele eleva o tom de voz*). Por mais desagradável que sejas, não faltarei a isso, não te negarei este favor em minhas mãos, mas ouvirei agora, mulher, que novo pedido me fazes.

A porta da frente da casa se abre violentamente e Medéia sai, acompanhada por uma ou duas atendentes despen-teadas. Medéia, evidentemente, está fazendo todo o esforço para se dominar.

MEDÉIA: Jasão, peço-te que sejas indulgente para com as coisas que foram ditas por mim. Convém que toleres o meu mau gênio, já que muitas coisas foram feitas por nós como amigos. Agora, tive uma conversa comigo mesma. Troquei palavras comigo mesma e me censurei. Desgraçada que sou, por que sou tão louca e por que tive tanta má vontade contra aqueles de opinião correta, que são bem aconselhados e por que me tornei inimiga dos governantes desta terra e de meu marido, que fez o melhor para nós, desposando uma princesa e gerando irmãos para os meus filhos? Não devo por de lado o meu ressentimento? O que sofro, sendo os deuses bons para mim? Não tenho filhos e não sei que somos exilados de nossa terra natal e que nos faltam amigos? Tendo pensado em tudo is-

so, compreendi que fui irracional e enraivecida em vão. Agora estou reconciliada. Aprovo tudo. Tu me pareces sensato tendo nos oferecido essa aliança, e eu fui tola, eu que compartilho dos teus intentos ajudando-te a realizá-los e aprovando esse casamento, e me sentindo feliz de ficar a serviço de tua esposa. Mas — não direi mal — nós, mulheres, somos o que somos. Não te competiria responder o mal com o mal e opor a imbecilidade à imbecilidade. Admito e confesso que fui mal disposta para contigo então, mas agora reconsiderarei sensatamente.

Meus filhos, ó meus filhos, (*Medéia alteia a voz*) vamos, deixemos este teto! Vinde! Beijai vosso pai. Conversai com ele. Renunciai, ao mesmo tempo que vossa mãe, ao ódio que senteis antes por vossos amigos. Pois há compromissos agora para o nosso benefício e a antiga ira se apaziguou.

As crianças, conduzidas pelo Pedagogo, aparecem e descem a escada onde Jasão se encontra.

Tomai a sua mão direita. Ah! Eu pareço prever, o infortúnio ainda está oculto. Ireis, meus filhos, no futuro, estender assim também para mim vossos bracinhos? Desventurada criatura que sou, quão prontamente derramo lágrimas e me encho de temor! Tendo terminado, depois de longo tempo, minhas desavenças com vosso pai, sinto os olhos repletos de lágrimas de ternura (*Chora*).

CORO (*apenas uma das mulheres chorando e falando, ou melhor, cantando*): Também dos meus olhos lágrimas copiosas irrompem. Oxalá um mal ainda maior não venha atrás da presente calamidade!

JASÃO: Mulher, louvo-te por estas palavras e não te censuro pelo passado. É natural para o sexo feminino se irritar contra um marido quando ele contrai novos laços secretamente. Mas o teu coração voltou ao senso prático da prudência. Viste afinal a melhor coisa a fazer, isto é, agir como uma mulher sensata. (*Às crianças*): Meus filhos, vosso pai agiu com previdência e com a aprovação dos deuses, para gozardes o benefício de seus cuidados. Espero que algum dia estareis com vossos irmãos entre os primeiros na terra coríntia. Basta crescerdes. Quanto ao resto, vosso pai cuidará assim como algum deus benevolente. Espero ainda vos ver atingir a flor da ju-

ventude e triunfar sobre os vossos inimigos. (*A Medéia*): E tu, por que molhas os olhos com muitas lágrimas, e por que afastas o teu rosto pálido e recebes com insatisfação estas minhas palavras?

(*Medéia se entrega aos movimentos de uma mulher que está enxugando lágrimas de alegria e troca um olhar significativo com uma mulher do coro*).

MEDÉIA: Não é nada. Estou pensando nas crianças.

JASÃO: Por que, então, infelizmente mulher, suspiras por teus filhos?

MEDÉIA: Eu os gerei. Quando afirmaste que teus filhos viveriam, senti-me ansiosa imaginando se esse seria o caso. (Ou: Quando te vangloriaste que as crianças viveriam, a compaixão me dominou, imaginando se seria assim).

JASÃO: Tem coragem. Providenciarei a esse respeito.

MEDÉIA: Assim farei. (Serei corajosa). Não duvido de tuas palavras. Mas a mulher nasceu fraca e inclinada às lágrimas. Mas o assunto a respeito do qual vieste conversar comigo está resolvido e irei agora mencionar mais outras coisas. Já que parece conveniente aos governantes desta terra me fazer partir e já que isso é melhor para mim, eu admito, vejo claramente, que não é desejável para mim viver como um obstáculo para ti e para os governantes desta terra. Eis que fui considerada inimiga desta casa. Partirei para o exílio. Roga a Creon que não expulse as crianças desta terra, de modo que possam ser criados por tuas próprias mãos.

JASÃO: Não sei se conseguirei persuadi-lo, embora ele deva ser persuadido.

MEDÉIA: Mas tu, roga à tua nova esposa que peça a seu pai que os meninos não sejam expulsos desta cidade.

JASÃO: Perfeitamente. E acho que vou persuadi-la, se ela for como as outras mulheres.

MEDÉIA: E participarei dessas dificuldades. Mandarei os meninos levarem presentes para ela, coisas belíssimas, mais belas que qualquer coisa ora conhecida entre os homens: um belo véu e uma grinalda trabalhada em ouro. (*O véu é realmente uma espécie de vestido de gaze colocado sobre a cabeça e parecendo um véu*). Mas algumas das serviçais devem vir aqui imediatamente com esses ornamentos. (*As serviçais*

que se encontravam de pé, à porta, entram para buscarem os presentes). Ah! Ela vai ficar satisfeita (*isto é, a recém-casada*) não com uma coisa, mas com muitas, tendo te assegurado, tu, o melhor dos homens, como marido e possuindo os ornamentos que o Sol, pai de meu pai, deu a seus descendentes.

As serviçais voltam, trazendo consigo o vestido-véu envenenado e a grinalda mortal.

Meus filhos (*aos meninos*), tomai em vossas mãos estes presentes nupciais e tendo os levado até ela, dai-os à jovem, à feliz princesa. Ela terá presentes de modo algum triviais.

JASÃO: Por que te privas dessas coisas, tola? (*Literalmente, por que esvazias as tuas mãos delas?*) Achas que o paço real está carente de vestes? Achas que está privado de ouro? Conserva-os. Não dês essas coisas. Se uma mulher me parece digna de todo prêmio e louvor, ela me preferirá a riquezas e bens, isso sei com certeza.

MEDÉIA: Não me fales assim. Tem se dito que os presentes persuadem mesmo aos deuses. O ouro é mais poderoso do que muitas palavras para os mortais. Uma divindade está de seu lado e a faz crescer (*isto é, a recém-casada terá o melhor disso*). A jovem princesa! Comprarei com minha própria vida e alma — não com ouro somente! — a remissão do exílio de meus filhos. Meninos, ide àquela casa de poder e riqueza e implorai à nova esposa de vosso pai e agora minha senhora, e rogai-lhe para não terdes de fugir desta terra, dando-lhe estas belas coisas ao mesmo tempo. Pois é de suma importância, como as coisas devem ser feitas, que ela receba estes presentes em suas próprias mãos. Ide o mais depressa possível. Sede mensageiros do bem para vossa mãe e fazei bem o que ela quer que seja feito. (*As crianças, levando os ornamentos mortais, caminham lentamente para a direita, acompanhadas pelo Pedagogo, enquanto Jasão curvando-se para o Coro e cumprimentando Medéia, segue as crianças a uma certa distância, com sua escolta. Medéia os contempla até o fim, depois entra*).

CORO: (*Uma série de comentários individuais por uma mulher e depois por uma outra, trocando idéias*). Agora, não me resta mais esperança para a vida daquelas crianças. Elas, na verdade, caminham para o assassinato, vão para a matan-

ça. A infortunada jovem receberá, sim, seguirá o curso fatal da coroa de ouro. Colocará sobre os fúios cabelos o ornamento infernal, tendo o tomado ela própria em suas mãos. A graça e o brilho divino do vestido e da coroa de ouro a levarão a usá-los. Ela se enfeitará como uma noiva, ela que já está com a morte. Em tal armadilha e condenação à morte ela cairá. Não escapará da maldição. Mas tu, homem desventurado, infúco cónjuge contraindo núpcias reais, não sabendo disso, levarás, buscarás para teus filhos a morte em lugar da vida e uma triste morte para tua noiva. Homem desventurado! Quão pouco prevês o teu destino! Lamento tua angústia, ó mãe miserável dessas crianças, que matas teus próprios filhos por causa do teu tálamo que teu marido está ilicitamente deixando para formar um lar com uma nova companheira. (*Há sons de lamentações dentro da casa de Medéia*).

Ato V

A casa de Medéia aparece como sempre, mas um agourento silêncio a envolve. As mulheres do coro estão cantando ou cantarolando no lugar de costume, agrupadas displicentemente. Passou-se uma hora mais ou menos entre os atos. O Pedagogo aparece vindo da direita e traz consigo os dois meninos. Vai entrando na casa, quando a porta da frente se abre e Medéia sai apressadamente.

PEDAGOGO: Senhora, estas crianças se livraram do exílio graças a vós. A noiva real prazerosamente recebeu os presentes com as suas próprias mãos. Há paz nessa direção para teus filhos. *(Medéia contém um gesto de regozijo e parece atordoadá)*. Então? Por que pareces confusa quando tiveste tanta sorte? Por que viras a cabeça e recebes a minha mensagem como se ela te desagradasse?

MEDÉIA: Ai de mim!

PEDAGOGO: Isso não é apropriado à notícia que trago.

MEDÉIA: Mais uma vez, ai de mim!

PEDAGOGO: Terei te trazido alguma notícia sinistra sem que percebesse? Estarei errado transmitindo uma mensagem alvissareira?

MEDÉIA: Anunciaste o que anunciaste. Não te censuro.

PEDAGOGO: Por que então abaixas a cabeça e derramas essas lágrimas?

MEDÉIA: A dura necessidade, velho! Tais são as coisas que um deus e eu, inspirada pelo mal, maquinamos entre nós.

PEDAGOGO: Coragem! Voltarás para o bem de teus filhos.

MEDÉIA: Trarei outros diante de mim, infelizada mulher que sou!

Um jogo de palavras é responsável pela obscuridade desta passagem. Medéia diz que ela restaurará outros da morte ou os trará da terra antes que ela própria seja restaurada do exílio ou trazida de volta do exílio.

PEDAGOGO: Não és a única a ser privada de teus filhos. Sendo mortais, compete-nos suportar resignados as calamidades.

MEDÉIA: Isso eu farei. Mas entra na casa e dá aos meninos o que eles precisam dia a dia. *(Aos pequenos)*: Ó filhos, filhos, são vossos uma cidade e um lar nos quais, tendo me deixado, a mulher desventurada, podereis sempre morar, privado de vossa mãe. Quanto a mim, como fugitiva irei para outra terra, antes de ter derivado de vós qualquer bem, e antes de vos ver felizes, antes de vos ver unidos a uma esposa, antes de poder adornar vosso tálamo, antes de ter levado para vós a tocha nupcial! Ah! Como o orgulho me encheu de sofrimento! Assim eu vos criei em vão, meus filhos, em vão sofri tanto por vós, em vão sofri tamanho martírio por vós no parto! Acalentei, em verdade, desgraçada criatura que sou, grandes esperanças em vós. Deverieis ser o amparo da minha velhice. Quando eu morresse, irieis, pensei, cumprir os deveres de piedade filial para com o meu corpo, a coisa mais cobiçada pela humanidade. Mas a doce esperança findou. Privada de vós, levarei sozinha uma vida triste e penosa. E não mais contemplareis com os vossos queridos olhos vossa mãe, pois ela terá, ido para muito longe, para outra espécie de vida. Ai de mim! Ai de mim! Por que me olhais com esses olhos, meus filhos? Porque sorris para mim vosso último sorriso? Ah! O que farei? Eis que o meu coração fugiu de mim, ó minhas amigas, *(para o Coro)* tendo contemplado o rosto alegre de meus filhos. Não! Não posso fazer isso. Adeus a meus planos anteriores! *(Caminha de um lado para o outro, agitada)*. E no entanto, o que devo suportar? Serei então condenada ao ridículo deixando os meus inimigos impunes? Tenho de ousar fazer. Pusilanimidade! Maldição sobre ti! E pensar que condescendi em manifestações de pusilanimidade! Ide, meus filhos, para casa. E ele *(aponta para o Sol)*, desde que não pode assistir ao meu sacrifício que olhe para si mesmo. *(Ou isto pode ser traduzido como uma advertência ao Coro: que fique em guarda quem se atrever a não participar do meu crime)*. Não mostrarei um braço pusilânime.

Ah! *(Ela anda de um lado para o outro e olha em torno de si, como que angustiada pela dúvida e a hesitação)*. Não, minha alma, não farás tal coisa. Deixai-os viver, mulher miserável! Poupa teus filhos! Mas viverão aqui comigo para me darem alegria? Pelos mortos embaixo e pelos vingadores do

crime no inferno, não pode ser que eu ofereça aos meus inimigos meus próprios filhos como objeto de injúria. É uma necessidade absoluta que eles pereçam! Já que é assim, sou eu que os matarei. Eu que os dei à luz. Sua morte é uma coisa decidida. Não escaparão. E agora a coroa está em sua cabeça e nas dobras da veste velada aquela noiva real perecerá, sei muito bem. Assim seguirei o meu caminho desgraçado depois de ter envolvido aquelas crianças em algo pior ainda. Mas falarei com meus filhos. *(Os meninos saem da casa, obedecendo ao chamado da mãe)*. Pequenos, dai as mãos direitas para vossa mãe beijar. Ó mão querida e cabeça tão preciosa para mim, e corpo e rosto tão nobres de meus filhos, oxalá sejais felizes mesmo lá embaixo! Foi vosso pai que vos privou da felicidade aqui em cima. Ó doce meiguice, ó face delicada e doce voz da infância! Ide! Ide! *(Medéia cessa as suas carícias e se afasta dos meninos que estava acariciando)*. Não posso vos olhar por mais tempo e estou vencida por esses males. Compreendo afinal que abominações ousou empreender. Mas a ira é mais forte que a minha sabedoria, a raiva prevalece sobre os meus melhores pensamentos, sendo a causa das piores calamidades dos mortais.

Enquanto Medéia pronuncia estas palavras concluindo a sua meditação, as crianças entram na casa, já tendo o Pedagogo feito o mesmo quando lhe foi dito pela primeira vez que o fizesse. Medéia não dá atenção à agitação do Coro, nem ao seu ar de censura, mas anda apressadamente na direção do palácio de Creon.

CORO: Muitas vezes antes elaborei temas com dificuldade e apressei-me em participar de debates maiores do que compete ao sexo feminino buscar. Mas há uma Musa mesmo para nós e ela fala para nós no interesse da sabedoria. Não, certamente, para nós todas. Ainda, mesmo entre a raça das mulheres encontrar-se-á ocasionalmente uma que não é estranha às Musas. Agora afirmo que aqueles que entre os mortais carecem absolutamente de conhecimento do matrimônio e que não puseram filhos no mundo têm uma vantagem, no que diz respeito à felicidade, sobre aqueles que tiveram prole. Os sem filhos, não tendo, por ignorância, conhecimento prático se os filhos são ou não para os mortais uma boa coisa, estão li-

vres de muitos males. Os que têm no lar a doce flor da infância, esses eu vejo sobrecarregados de ansiedade constantemente. Como, antes de mais nada, criá-los adequadamente? Como lhes deixarão alguma coisa para viverem? E ainda: será em prol de bons filhos ou de maus filhos que se está enfrentando tantos trabalhos? Esse é o mistério. Deixai-me mencionar uma preocupação que é a pior para todas as pessoas: suponha-se que se tenha conseguido os recursos para criá-los e que o desenvolvimento dos filhos tenha alcançado a florescente juventude, suponha-se que eles sejam bons, e no entanto o destino decreta que a morte leve ao Hades os corpos desses filhos! Será bom, então, que os homens, pelo prazer de terem filhos, devam sofrer tanto para afinal os deuses desfecharem o golpe final, o mais severo de todos?

As linhas acima devem ser estudadas cuidadosamente à luz da idéia de que um "coro" na tragédia grega não é uma ode integrada, mas um diálogo travado pelos membros do coro entre si, uma discussão a respeito do que apenas transpirou. Isso é verdade particularmente nos coros de Eurípedes.

Medéia entra pelo lado que tomou quando saiu apressadamente de cena.

MEDÉIA: Por algum tempo agora, minhas amigas, estive aguardando a conseqüência: estava ansiosa para saber como as coisas se desenrolaram ali *(aponta na direção do palácio de Creon)*. Mas vejo vindo em nossa direção um dos serviçais de Jasão. Sua respiração ofegante mostra que ele veio anunciar um novo infortúnio.

O servo de Jasão a quem Medéia se referiu entra correndo em cena. É um jovem robusto vestindo uma túnica curta cinzenta usada pelos escravos. Será indicado no texto pela expressão convencional "Mensageiro".

MENSAGEIRO: Ó tu que violaste a lei por um ato terrível, Medéia, fuge! Não esperdices nem um carro náutico *(navio)* nem um carro em terra.

MEDÉIA: O que aconteceu para me justificar em tal fuga?

MENSAGEIRO: A donzela real acaba de morrer e também Creon seu pai: o efeito de teus venenos.

MEDÉIA: Repetes uma bela mensagem e de agora em diante estarás entre os meus benfeitores e os meus amigos.

MENSAGEIRO: O que dizes? Está em teu são juízo e não delirando, mulher, ouvindo dizer que o lar real está assolado e no entanto não sentindo temor por causa disso?

MEDÉIA: Tenho algo a dizer por minha parte em resposta às tuas palavras, mas, meu amigo, não te excites. Dize-me como eles pereceram. Deleitar-me-ei ainda mais se souber que eles morreram entre os piores tormentos.

MENSAGEIRO: (*respirando normalmente e se dominando mais*): Quando teus dois filhos chegaram com seu pai e entraram na residência nupcial, ficamos alegres, nós, serviçais, que tínhamos sofrido com o teu infortúnio. Correu por toda a casa a notícia que tu e teu marido tinham apaziguado a vossa desavença. Um beijou as mãos das crianças. Outro acariciou seus cabelos dourados. Eu também, cheio de alegria, os acompanhei aos alojamentos das mulheres. Quanto à senhora que agora sirvo em teu lugar, ela lançou um ansioso olhar a Jasão, depois ocultou o rosto e virou para o lado a alva face, aborrecida pela entrada dos meninos. Mas teu marido acalmou o ressentimento e a contrariedade da jovem com suas palavras. “Não te irrites contra os teus amigos” disse ele. “Acalma tua agitação e volta de novo o teu rosto para mim e olha como amigos os amigos de teu marido. Recebe estes presentes e pergunta a teu pai se ele não revogará a sentença de banimento para me agradar”.

Quando ela viu os presentes, não mais resistiu, mas aprovou o que seu marido (*Jasão agora era seu marido de acordo com a lei coríntia*) fizera. Antes que o pai e as crianças estivessem longe da casa, tendo tomado o belo vestido com véu ela o trajou, pondo ao mesmo tempo a coroa de ouro nos anéis de suas tranças, arrumando o cabelo diante de um claro espelho, sorrindo ao reflexo sem vida de si mesma.

O Mensageiro faz uma pausa, como que horrorizado com a lembrança da cena, enquanto Medéia sorri. O Mensageiro continua.

Então, descendo do trono, caminhou para o balcão. Seus alvos pés pisam de leve. Ela se regozija com os presentes e mais de uma vez levanta-se na ponta dos pés e estica as pernas (*segundo parece a jovem fica na ponta dos pés para ver melhor o vestido*). A partir desse instante, o espetáculo foi

terrível de ser visto. Ela mudou de cor. Contraíu-se, curvou-se de súbito e mal teve tempo de cair no trono, para não cair no chão. Uma velha serviçal, vendo em tudo aquilo o efeito das fúrias de Pã ou de alguma outra divindade, deu um grito de súplica. Então viu uma espuma branca saindo da boca, as pupilas dos olhos rolando e o sangue fugindo de todo o corpo. Em vista disso, lançou um grito de angústia, muito diferente de uma prece.

Imediatamente, uma das mulheres correu aos aposentos do pai e outra correu até o marido para contar-lhe o infortúnio de sua esposa. Todo o aposento ressoou com o ruído de pés que corriam. Um corredor veloz chegando ao fim das seis pletras (*660 pés*) do estádio poderia atingir a meta depois de correr a parte seguinte do estádio, quando ela, a infortunada jovem, levantou-se dando um gemido terrível. (*O Mensageiro dá uma idéia do tempo que a jovem levou para voltar a si comparando o intervalo com o tempo gasto por um corredor do fim de uma pista de corrida para outra*).

Muda e sem voz até aquele momento, a jovem agora deu um grito pavoroso. Um duplo sofrimento a atormentava. A coroa de ouro posta em torno de sua testa lançava um prodigioso fluxo de fogo devorador. As finas dobras do manto presenteado por seus filhos consumiam a carne da infortunada jovem. Ela se ergueu do trono, fugiu em chamas, sacudindo os cabelos para ambos os lados e tentando arrancar a coroa da frente. Mas o ouro parecia ter se agarrado firmemente, e o fogo, quando ela sacudia a cabeça, apenas redobrava a sua fúria. Ela caiu no chão — abatida pelo sofrimento — de todo irreconhecível para quem a visse, a não ser que fosse seu pai. Era impossível distinguir-se ainda o lugar de seus olhos e a beleza de seu rosto.

Do alto de sua cabeça escorria sangue misturado com a chama e a carne desprende-se de seus ossos como a resina dos pinheiros, tal era a irresistível ação do veneno. Coisa horrível de se ver! Todos temiam tocar o cadáver. Estávamos advertidos pelo que lhe acontecera, tínhamos a sua desgraça para nos ensinar a ser precavidos. Seu pai, homem desventurado, ignorando o que havia acontecido, chegou de súbito ao local. Atirou-se então sobre o corpo, gemendo enquanto assim

fazia e, tomando-o em seus braços, o cobria de lágrimas. “Ó filha infeliz” ele dizia “qual dos deuses deixou-te perecer tão injustamente? Quem privou de sua filha um velho à beira do túmulo? Ai de mim! Oxalá eu morra contigo, minha filha!” Quando terminou os seus lamentos e os seus gritos, quis por-se de pé, erguendo o próprio corpo, mas se viu envolto pelos finos véus e dobras como a hera no tronco do loureiro. Houve uma luta terrível enquanto ele procurava firmar-se no joelho e ela, a ele agarrada, o forçava a usar violência. Ele arrancou a carne de seus próprios velhos ossos.

Afinal sucumbiu, coitado! Abandonou o fantasma. O infortúnio fora demasiadamente grande para ele. Ficaram lado a lado, os corpos do pai e da filha! Uma desgraça para as lágrimas se saciarem, uma tristeza imensa!

Quanto a mim, não quero falar a respeito desse assunto. Tu mesma terás a retribuição pelo que fizeste. Mas agora e não pela primeira vez considero as coisas mortais apenas uma sombra e sem temor deixa-me dizer-te que aqueles entre os homens que se julgam sensatos, os maiores criadores de enigmas, os apresentadores de problemas, estão condenados a se definharem na maior ignorância. Entre a humanidade não há um mortal feliz. Mesmo quando a fortuna o cobre de favores, ele pode se mostrar como tendo mais sorte que outro, mas feliz? Não!

Enquanto a narrativa se aproxima do seu desfecho, o Mensageiro vai denotando crescentes sinais de agitação, e agora corre velozmente em direção oposta àquela por onde entrou.

CORO: Uma divindade parece neste dia ter infligido com justiça a Jasão muito males. Ó infeliz filha de Creon, como nos compadecemos de teus males, tu que partiste para as portas de Hades por causa de teu casamento com Jasão!

MEDÉIA: Minhas amigas, os fatos estão decididos para mim; tendo matado meus filhos, deixarei esta terra o mais depressa possível e não abandonarei meus filhos para serem mortos por mãos mais hostis. É absolutamente necessário que eles morram. Já que assim é, eu os matarei, eu que os pari. Vamos, meu coração, torna-te duro como o aço, arma-te. Por que terei eu de fazer isso? Não fazer uma coisa horrível, mas inevitável, seria pusilanimidade. Vamos, segura a espada, mi-

nha infausta mão! Toma-a e leva ao extremo o horrendo curso de tua vida e não representes o papel dos pusilânimes pensando nos filhos e quão queridos são e como os criaste! Esquece teus filhos pois o dia é curto e depois lamenta, derrama lágrimas mais tarde. Pois mesmo apesar de os matares, eles nasceram queridos por ti!... Sou uma mulher desgraçada! (*Entra na casa*).

CORO: Ó Terra e luz toda brilhante do Sol, olha para baixo, contempla essa dolorosa mulher antes que ela se lance com mãos assassinas contra os filhos, matando-os ela própria! Eles brotaram verdadeiramente de sua própria semente de ouro. É uma maldição quando o sangue de um deus é derramado pelos golpes de um mortal. Ah! luz nascida do deus, que a detinhas, que a impeças! Expulsa da casa a fúria terrível, assassina por instigação de uma divindade vingativa! Em vão ela sofreu as dores do parto! Em vão geraste uma estirpe amada, ó tu que te aventuraste pela inóspita passagem dos rochedos azuis do Simplegades! Desgraçada mulher, por que a fúria, oprimindo a alma, cai sobre ti e por que o assassinio violento se segue à matança? Terrível para o mortal é a mancha que espera o assassino de um parente, ela invoca para o assassino maldições como o próprio crime esmagadoras, por decreto dos deuses contra a sua casa e o seu lar.

Ouve-se um grande barulho vindo do interior da casa. Tornam-se audíveis os gritos das crianças. O resultado é provocar o pânico entre as mulheres que formam o Coro.

FILHOS DE MEDÉIA (*de dentro*): Oh! Oh!

CORO: Ouves, ouves os gritos das crianças, ó infeliz mulher, ó desditosa!

FILHO MAIS VELHO DE MEDÉIA: Oh! O que farei? Para onde fugirei das mãos de minha mãe?

FILHO MAIS MOÇO DE MEDÉIA: Não sei, querido irmão, pois estou morrendo!

Reina o pandemônio dentro da casa de Medéia, misturando-se os gritos dos meninos com a queda de móveis e o ruído de passos correndo. As mulheres do Coro se encontram violentamente agitadas.

CORO: Corrirei para dentro da casa? Parece-me que eu deveria livrar as crianças do assassinato...

FILHOS DE MEDÉIA (*de dentro*): Sim... Em nome dos deuses, ajuda-nos! (*Em algumas dramatizações desta cena no teatro ateniense posterior, os meninos, segundo se diz, saíram realmente da casa e eram arrastados para dentro por sua mãe, mas esse processo não era característico do teatro no tempo de Eurípedes. A matança se dá no interior*). Preciso de tua ajuda! A lâmina da espada já está em meu pescoço!

CORO: Desgraçada mulher, és então como o rochedo ou o ferro, matas no plano arquitetado por tuas próprias mãos os filhos que tu mesma geraste! Ouvi dizer que uma só, uma única mulher entre todas que viveram antes de nós, levantou as mãos contra os seus próprios filhos queridos. Foi Ino, delirante por decreto dos deuses, quando a esposa de Jove a expulsou do palácio para vagar enlouquecida. A desgraçada caiu nas profundas águas salgadas por causa do impiedoso assassinato de seus filhos, confiando seus pés, como fez, além da praia do mar. (*Há certa divergência a respeito da lenda aqui mencionada. Um eminente estudioso, Verrall, explica que Temisto, tencionando matar os filhos de Ino, foi iludida pela última e matou seus próprios filhos. Descobrimo o que fizera, Temisto, se nos guiarmos pelas palavras do Coro neste trecho, atirou-se ao mar. Outra versão diz que Ino e seu marido foram tornados insanos por Juno, pelo que o marido matou o filho mais velho e Ino afogou-se com o mais moço*). O que poderia acontecer de mais horrível que isso? Ó matrimônio, terrível para as mulheres, quantos males não trouxeste aos mortais?

Jasão entra em cena precipitadamente. Seu aspeto descabelado e suas feições transtornadas constituem uma prova suficiente da angústia de sua mente...

JASÃO: Senhoras, estais aqui de pé tão perto da casa, Medéia, a artífice de perversidades, ainda está dentro de sua casa ou se protegeu pela fuga? Ela, ou deve ter se escondido debaixo da terra ou ter se elevado nos recessos do ar com corpo alado para que não dê satisfação à família real! Pensa ela que, depois de ter matado os governantes desta terra, escapará livre deste lugar? No entanto, não estou tão ansioso a seu respeito como estou quanto a meus filhos. Aqueles a quem ela fez mal hão de lhe fazer mal. Vim simplesmente para salvar

as vidas de meus filhos, a fim de que os parentes de Creon não lhes façam algum mal, para pagamento da penalidade pelo sacrílego assassinato por sua mãe.

CORO: Infortunado homem, não sabes, Jasão, a extrema calamidade que te alcançou? De outro modo, não terias dito essas palavras?

JASÃO: O que é? Quer ela talvez nos matar também?

CORO: Teus filhos foram mortos pelas mãos de sua própria mãe.

JASÃO: Ah! O que estás dizendo? Como me esmagaste, mulher! (*Note-se que Jasão está se dirigindo a uma mulher do Coro que falou com ele*).

CORO: Pense em teus filhos como não estando mais vivos.

JASÃO: E onde ela os matou? Dentro da casa ou fora?

CORO: Se abrires a porta, verás os cadáveres de teus filhos.

JASÃO (*convocando sua escolta, cujos membros entram ao som de sua voz*): Homens, girem as fechaduras, abaixem as trancas, o mais depressa que puderem e afrouxem os ferrolhos afim de que eu possa contemplar a dupla desgraça: aqueles que estão mortos e a outra, aquela que vou castigar com a morte.

Há um clarão em cima do telhado da casa. Medéia é vista no meio de chamas em um carro de ouro puxado por dragões. Tem consigo os corpos dos meninos.

MEDÉIA: Por que abalas estas portas e as arrombas, procurando os mortos assim como aquela que matou? Cessa os teus esforços. Se precisas de mim, dize o que queres, mas jamais porás as mãos em mim. O Sol, pai de meu pai, deu-me este carro, um baluarte contra uma terra hostil.

JASÃO: Mulher! Objeto do ódio e maior inimiga dos deuses, assim como de mim, e inimiga da raça dos homens a que pertences, que ousaste levantar a espada contra teus filhos, embora os tenhas gerado, tu que me privaste de filhos, depois de tal crime, o mais odioso de todos, podes olhar para a Terra e invocar o Sol! Oxalá pereças, pois agora posso ver que estava louco quando te trouxe de teu próprio lar e de uma terra bárbara para uma casa grega, tu, traidora, tanto para teu pai como para a terra natal que te criou! Os deuses mandaram

contra mim teu vingativo demônio. Foste a bordo do navio Argos de bela proa, depois de teres matado teu irmão em seu próprio lar. Com tais coisas começaste, e tendo se casado com o homem que tinhas diante de ti e me dado filhos, tu os destruíste por causa de um novo casamento que contraí. Não há uma mulher grega viva que teria feito tal coisa, e te preferindo antes de todas elas eu me condenei a desposar-te, uma ligação alienígena e que me foi fatal! És uma leoa, não uma mulher, tendo uma natureza mais selvagem que da Sila do Tirreno. *(O fratricídio de que Medéia é acusada tem várias versões. Diz-se que ela matou Absirtos no Argos e que atirou o corpo pedaço por pedaço na água, a fim de que seu pai, que a perseguia, se atrasasse recolhendo os pedaços desmembrados. A Sila mencionada por Jasão era um monstro que morava em um remoinho furioso em frente de Caríbdis, no Estreito de Messina. Sila latia como um cão, tinha seis bocas e doze pés)*. Mas eu não poderia te marcar com mil insultos. Tal é a desfaçatez inata em ti! Corre para tua ruína, artífice da iniquidade e assassina de teus filhos! É bastante para mim ter de lamentar o meu destino. Eu que nada lucrarei com o meu novo casamento e ficarei impossibilitado de falar com meus filhos, que gerei e criei, pois eles já não estão vivos, mas mortos!

MEDÉIA: Eu discorreria longo tempo refutando essas tuas palavras, se nosso pai Jove já não conhecesse o que tiveste de experiência comigo e o que fizeste contra mim. Não vais, depois de desprezar meu amor, passar uma vida agradável, zombando de mim, nem vai a princesa! Nem mesmo Creon, que te ofereceu esse casamento, me fará sofrer expulsando-me desonrada desta terra! Por causa dessas coisas, podes me chamar de leoa, se te agrada, e mesmo de Sila que mora na região do Tirreno! Atingi diretamente o teu coração e a tua alma.

JASÃO: Tu também sofrerás e compartilharás dessas desgraças.

MEDÉIA: Bem o sabes! Mas o sofrimento é uma boa coisa, contanto que não possas zombar de mim nem lançar-me ao ridículo.

JASÃO: Ó meus filhos, que mãe tivestes!

MEDÉIA: Ó meus filhos, como fostes arruinados pela vilania de teu pai!

JASÃO: Não foram mortos pela minha mão.

MEDÉIA: Mas por teu orgulho e por teu novo casamento.

JASÃO: Tu te atreveste a matá-los por causa daquele casamento?

MEDÉIA: Achas que isso é um sofrimento desprezível para uma mulher?

JASÃO: Para aquela que é sensata. Para ti, todas as coisas são o mal.

MEDÉIA: Eles já não estão *(apontando para os mortos)*. É isso que te atormentará.

JASÃO: Eles ainda se mostrarão incansáveis artífices da maldição contra tua cabeça.

MEDÉIA: Os deuses sabem que começou esses males.

JASÃO: Eles certamente conhecem tua mente perversa.

MEDÉIA: Odeio! Desprezo tuas palavras injuriosas.

JASÃO: E eu as tuas. Mas partir é fácil.

MEDÉIA: Como? O que farei? Pois eu, também, desejo isso ardentemente.

JASÃO: Deixa-me os seus corpos, para enterrá-los e para chorá-los.

MEDÉIA: De modo algum! Eu os enterrarei eu mesma quando os tiver levado para a gruta sagrada de Hera do Cabo *(um templo de Juno no Golfo de Corinto)* a fim de que nenhum de seus inimigos possa exultar sobre eles, destruindo seus túmulos. Estabelecerei naquela terra de Sísifo uma festa e mistérios sagrados para as gerações futuras em expiação desse impiedoso crime. E eu mesma irei para a terra de Erecteu, ali estabelecendo o meu lar com Egeu, filho de Pandion. Tu como é devido, morrerás miseravelmente, homem miserável, com tua cabeça atingida por um fragmento do Argos, chegando assim ao fim desgraçado do teu novo casamento.

JASÃO: Ah! Oxalá uma fúria te destrua em nome dos filhos e da Justiça, vingadora do crime!

MEDÉIA: Mas que deus ou que demônio te ouvirá, perjuro e traidor daqueles que te acolheram?

JASÃO: Ai de mim! Ai de mim! Abominável assassina de teus filhos!

MEDÉIA: Volta para casa para enterrar tua noiva!

JASÃO: Irei, privado de meus filhos!

MEDÉIA: Ainda não choraste, até agora! Espera até que chegue a velhice.

JASÃO: Ó queridos filhos!

MEDÉIA: Queridos sim para a sua mãe, mas não para ti.

JASÃO: No entanto foste tu que os mataste!

MEDÉIA: Sim, castigando-te!

JASÃO: Ah! Queria — homem infelizmente! — os lábios de meus filhinhos para beijá-los.

MEDÉIA: Agora tu lhes fala, agora os beijaria, embora os tivesse banido!

JASÃO: Em nome dos deuses, deixa-me tocar a tenra carne de meus filhos!

MEDÉIA: Não. Impossível! Pedes em vão. *O carro de fogo sobe no ar a grande altura.*

JASÃO: Jove, ouviste como fui repellido e que coisas sofri nas mãos dessa feroz leoa, assassina dos filhos? Mas enquanto puder, hei de chorar e implorar aos deuses, para testemunharem que, tendo matado meus filhos, tu me impediste de tocá-los com as minhas mãos e de enterrar seus corpos que eu nunca deveria ter contemplado, eu que os gerei, mortos por ti. *(Jasão quer dizer: oxalá eu nunca os tivesse contemplado, para vê-los mortos por ti).*

O carro puxado pelos dragões desaparece no Empíreo, enquanto o Coro, tendo visto Medéia e os corpos das crianças assim colocados fora de vista, encerra o assunto com uma reflexão.

CORO: Jove é o distribuidor de muitas coisas no Olimpo e os deuses executam muita coisa inesperada. As coisas esperadas não se sucedem, e uma divindade encontrou o meio de alcançar o que é extraordinário. Assim sucedeu este caso.

Esta conclusão é chamada "apêndice" (tag) e se encontra no fim de outras peças teatrais de Eurípedes. Não faz parte da tragédia e parece que era falada por um dos atores, como uma comunicação ao público que a representação terminara.

FINIS

As Bacantes